



RELATÓRIO PARCIAL E PRELIMINAR  
PROJETO XINGU  
INDIGENISMO E ECOLOGIA HUMANA  
LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO  
ÁREA DE KARARAÓ/BABAQUARA ,  
RIO XINGU



Belém (Pa.), 10 de março de 1988.

Ilmo. Sr.

Dr. Guilherme Mauricio de La Penha

M.D. Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi

Coordenador Geral do Projeto Xingu

Como exigido na reunião com o CNEC, em 15 de janeiro de 1988, apresento um sumário de atividades no campo, da equipe do Sub-projeto Indigenismo/Ecologia Humana do Projeto Xingu.

As seguintes pessoas foram para Altamira - Pará, no dia 27 de outubro, a fim de se prepararem para a primeira campanha de campo: Luis Henrique Zanetta, Lucila Pinsard Viana, José Wagner A. Carvalho, Carlos Henrique Lopes, Ivone Maria Pimentel, Sueli de Alfaia Santos e Marise Reis. Estas permaneceram em Altamira até dia 31 de novembro, quando foram colocadas, pela supervisora do CNEC, mais duas pessoas da FUNAI: Lúcia Helena e Tânia Alencar.

Eu e a consultora Dra. Clarice Mota, antropóloga da Universidade Federal do Rio de Janeiro, chegamos em Altamira dia 29 de outubro, para acompanhar toda a equipe para o acampamento "Barra de Vento", na boca do Rio Bacajá. Fiquei no acampamento até dia 03 de novembro, quando retornei para Altamira e no mesmo dia viajei para Belém; Dra. Clarice ficou até dia 04 de novembro no acampamento e retornou ao Rio neste mesmo dia. A equipe permaneceu na área de Paquiçamba até dia 27 de novembro, quando voltaram todos para Altamira e no mesmo dia retornaram a Belém, com exceção de José Wagner, o qual ficou mais uma semana em Altamira para arrumar as coleções e o material de campo.

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL

EDIFÍCIO CNPq - AV. W3 NORTE - Q. 507/B - FONE: (061) 274-1185 - TELEX: (061) 1080 - END. TELÉG. PESQUISAS  
CX. POSTAL: 0180 - BRASÍLIA - DF - CEP 70740

SEP / NORTE - Q. 011 - BLOCO "A" - ED. BITTAR II - TERREO



pag. 02

A volta para Belém tinha a finalidade de participar no treinamento da segunda e terceira equipe do Projeto. Devido ao cancelamento deste treinamento, ficaram até o presente escrevendo, preparando relatórios, processando material biológico e etnográfico e esperando uma solução final para o Projeto e para a equipe.

Atenciosamente,

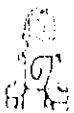
DARRELL ADDISON POSEY, Ph. D.  
Pesquisador Titular  
Coordenador, Núcleo de Etnologia



## PLANO DE PESQUISA

### Conteúdo:

- . Introdução
- . Objetivos
- . Metodologia
- . Produtos
- . Apoio a ser fornecido pelo CNEC
- . Equipe Técnica
- . Cronograma de Atividades
- . Organograma Geral
- . Discriminação Orçamentária
- . Bibliografia
- . Curriculum Vitae do Coordenador





Relatório Parcial e Preliminar  
Projeto Xingu: Indigenismo e Ecologia Humana  
Levantamento Bibliográfico  
Área de Kararaô/Babaquara, Rio Xingu

O seguinte documento é um relatório preliminar e parcial, o qual trata do levantamento bibliográfico nas áreas de "Kararaô" e "Babaquara", região das propostas barragens Complexo Altamira/Rio Xingu. Trata-se apenas de fontes bibliográficas principais e, não contém nenhum dado de campo, sendo assim não pode, em maneira nenhuma, ser considerada uma pesquisa de viabilidade ou impacto ambiental/social.

## APRESENTAÇÃO

O levantamento de bibliografia e de dados gerais sobre os grupos localizados na área de influência do Complexo Hidrelétrico de Altamira, mais especificamente Barragem de Kararaô e Babaquara, e dos quais consta este relatório, consiste uma etapa preliminar, tanto do Projeto Xingu-Indigenismo, como dos relatórios propriamente ditos.

Essa atividade inicial tem como objetivo subsidiar as atividades a serem desenvolvidas pelas equipes de campo do projeto.

Inicialmente estavam previstos para esta etapa, além do levantamento bibliográfico, consulta com pesquisadores e funcionários da FUNAI com experiência destes grupos, pesquisa em outros centros de documentação, como por exemplo o Museu do Índio no Rio de Janeiro, Biblioteca da FUNAI em Brasília, missões em Altamira.

A título de observação, ressaltamos a precariedade dos centros de informação e documentação no que diz respeito a estudos já realizados nas áreas de influência em questão.

No item "Metodologia" apresentaremos a relação de locais onde a pesquisa se efetuou e os critérios utilizados para desenvolvê-la. No terceiro item, "Grupos Indígenas", segue-se uma caracterização geral sobre cada grupo, sobre seu estado atual em relação à situação fundiária, social-cultural, econômica e um breve histórico de contato.

Esse levantamento compreendeu estudos de grupos indígenas localizados na área de influência do Complexo Kararaô/Babaquara, sendo eles: Xicrin do Bacajá, Araras, Parakanã do Apiterewa, Araweté do Ipixuna, Assurini do Koatineno, Juruna do Paquiçamba, Kararaô, Xipaya e Curuaya e Kayapó.

## II - Metodologia

O levantamento bibliográfico, como já foi dito, foi realizado em Belém em diversos estabelecimentos, orientado de acordo com alguns critérios que pudessem, além de agilizar o trabalho, cobrir o maior número de material possível sobre o assunto.

Primeiramente procurou-se, através de contatos com pesquisadores, funcionários da FUNAI e missionários que atuaram com grupos indígenas na área, informações gerais e bibliografia que tratasse dos mesmos.

A finalidade deste primeiro contato foi obter-se noções básicas com relação aos grupos, obras e autores e até mesmo dos locais de pesquisa a se recorrer.

O segundo critério foi levantar junto a instituições de pesquisas, bibliotecas, centros de documentação, todo o material existente e disponível. Para tanto procurou-se introduzir, através de

bibliotecários ou responsáveis pelos centros procurados no sistema de arquivo, fichamento e documentação.

Foram consultados os seguintes locais:

-FUNAI:

Biblioteca  
Setores e divisões

-Campus de Pesquisa do Museu Emílio Goeldi:

Centro de Documentação da Amazônia  
Patrimônio Histórico e Cultural

-Universidade Federal do Pará:

Biblioteca Central  
Biblioteca do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)

-Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR):

Biblioteca

-Centro de Estudos Superiores do Pará (CESEP):

Biblioteca

-Faculdades Integradas do Colégio Moderno (FICOM):

Biblioteca

-Conselho Indigenista Missionário (CIMI):

Biblioteca

-Summer Institute of Linguistics (Instituto Lingüístico de Verão)

Por último, na etapa de levantamento bibliográfico propriamente dito, em cada local anteriormente citado optou-se pelo seguinte esquema de trabalho:

1 - Consulta por assunto: foram abordados os seguintes temas: Antropologia, Índios, Amazônia, Xingu, Etnologia e outros.

2 - Consultas por grupos indígenas: por exemplo, Arara, Assurini, Araweté.

3 - Consulta por autor: tendo se levantado em primeiro lugar os mais renomados, para a partir daí se registrar as fontes de pesquisa e bibliografia indicados pelo mesmo e assim sucessivamente.

4 - Consulta de revistas: Periódicos, boletins e teses de entidades envolvidas com a questão indígena ou em temas afins.

III - GRUPOS INDIGENAS NA AREA DE INFLUENCIA

Faltam dados

1 - ARARA

dos relatórios de fonte de atração e documentação e áreas. Qual a situação atual e o histórico do contato do grupo com o mundo (1986?)

1.1. Caracterização Geral:

- a) Area Indígena: Arara I
- Arara II
- Arara

b) Localização:

Arara I: Município Altamira. (PA).

Localiza-se à margem esquerda do rio Iriri, afluente à margem esquerda do rio Xingu, próximo à sua foz.

Coordenadas do extremo norte da área: (Relatório FUNAI 001.12:1 1982).

Latitude 03° 31' 15" S

Longitude 58° 08' 43" O Gr.

Arara II: Município Porto de Moz / Prainha.

Localiza-se a 20 km à direita do km 70 da rodovia Transamazônica (Relatório FUNAI 001.6 1982)

Arara: Município Altamira

Area contigua à área AI Arara I.

c) Extensão da Area:

Arara I: 247.000 ha

Arara II: 46.232 ha

Arara: 1.060.400 ha

(CEDI. "Terras Indígenas". pg. 47, 1987)

d) Tronco Lingüístico: Karib



e) Língua:

Segundo Isaac Costa de Souza (001.12.2), lingüista da UNICAMP, a língua Arara não é mutuamente inteligível por nenhuma outra língua.

Há várias divergências sobre a classificação desta língua. Há autores que afirmam que houve dissipação do grupo em alguma época da sua história, que contribuiu para mistura de dialetos, resultando que alguns Arara falam a língua caraíba e outros falam a língua Tupi.

Segundo relatos do viajante Henri Coudreau, os Arara miscigenaram-se com Jurunas e Xipaias "de muito bom grado" (Viagem ao Xingu, pg. 38). Embora ele próprio classificasse a língua Arara como Karib, as línguas dessas duas últimas tribos é Tupi. Prof. Ayrton Rodrigues utiliza classificação família Karib - língua Arara, embora não tenha classificado seu tronco lingüístico.

f) Demografia:

Arara I: 77 (FUNAI:86)

Arara II: 0 (FUNAI:86)

Arara: 70 (FUNAI:86)

1.2. Situação Fundiária:

AI. Arara I - Área delimitada. A portaria nº 528/N de 30/10/78 declara área de ocupação dos índios Arara (DOU 23/11/78). Existe rodovia no limite BR 230.

AI. Arara II - Área, segundo decreto nº 88018 de 04/01/83, está interditada para pacificação e atração do grupo Arara II (DOU 05/01/83).

AI. Arara - A port. nº 1854/E de 15/04/85 interdita a área para atração (DOU 18/04/85).

A portaria nº 2024/E de 17/03/86 propõe acréscimo desta à AI Arara I, após identificação, delimitação e levantamento fundiário (com relatório). Existem requerimentos e alvarás de pesquisa mineral sobre a área.

1.3. Histórico:

Segundo Kurt Nimuendaju, as primeiras notícias sobre os Arara datam de 1853. Henri Coudreau, em sua viagem ao Xingu, em 1896, relata sobre este povo, denominando-os desta maneira. Mas não se sabe ainda como se auto-deniminam.

O contato efetivo com os Arara é bem recente. Foi realizado em 2 etapas, uma a 2 de fevereiro de 1981 e a outra em janeiro de 1983, ambas através do Posto de Vigilância 1 (PV1). Segundo Souza, I.C., houve dificuldades no contato, após a atração, pois não foi possível diálogo com os Arara, mesmo com auxílio de outros povos indígenas (Txicão/Wayway) de família lingüística igual. Somente com ajuda deste lingüista na FAA (Frente de Atração Arara) foi possível a comunicação com os Arara.

Como o conhecimento deste grupo é recente, informações a seu respeito são bastante escassas. Existem diversos relatos de viajantes sobre este povo:

"Nos meados de 1892, os Arara, que até então moravam numa ilha chamada de coco (ou Arara) acima do igarapé "Dois Irmãos", mais ou menos a um dia de viagem de Altamira, retiraram-se para um igarapé dos Arara.

Em 1894, Brauna chegou até a cachoeira da Piranhaquara. Na ilha de dentro do lago de Piranhaquara, havia então uma maloca de índios Juruna, cujo TUCHAUA chamava-se "Macayary" mas que era da tribo dos Arara, com os quais os Juruna viviam em grande amizade. O número de guerreiros era de 64; ao todo a maloca contava com 142 pessoas". (Krautler, E., 1953)

"Dizem existir também Araras bravos que viveriam nas cabeceiras do Curuá de Ituqui, quase completamente isolados dos outros Araras. Lá estariam provavelmente misturados com os negros dos mocambos do Curuá de Ituqui, mocambos estes que se encontrariam, segundo se acredita, em número bem expressivo nos cursos médio e superior daquele rio. Os Araras do Curuá localizar-se-iam a montante dos mocambos, enquanto que nas florestas de ambos os lados do rio devem estender-se até então, não longe do Amazonas. Há alguns anos houve uma guerra entre os Arara e os negros dos mocambos, mas atualmente de acordo com os boatos parece que eles teriam interpenetrado e se misturado, formando negros fugitivos e indígenas, um bando absolutamente hostil a quem quer que seja, 'civilizado' ou 'índio manso'." (Coudreau, 1977)

#### 1.4. Situação Econômica:

No Morro dos Arara, à margem direita, enxerga-se ainda a capoeira de um antigo acampamento desses índios nômades. Há pouco mais de dez anos eles foram trocando, por um destino ignorando, sua instalação temporária. "Não se tem a respeito dos Arara, senão informações muito vagas". Sabe-se que eles são muito trabalhadores, bons agricultores, honestos, inteligentes e corajosos. São tidos em mais alta conta que os Juruna, os Axipaie e os Pena. Viviam perambulando pelas florestas por um lado até o Tocantins, pelo outro até o Curuá de Ituqui. Eventualmente saem de suas florestas centrais e então são vistos atravessando o Xingu de uma a outra margem em grupos, por vezes diminutos, por vezes numerosos. Diversos Arara, mormente mulheres, moram com os Juruna ou com os civilizados.

A instalação mais importante dos índios Arara atualmente fica perto da "Serra Grande dos Arara", a oeste do Xingu, no qual se alcança subindo o Igarapé Grande dos Arara por cerca de dois dias e meio. Não se sabe se ainda hoje vivem alguns deles num bem considerável igarapé da margem direita, o Igarapé dos Morro dos Arara, cuja foz fica quase defronte a do Igarapé Grande dos Arara. Acredita-se que eles teriam estado instalados nesse igarapé da margem direita, que seria muito rica em castanheiras, como consta ser todo o interflúvio Xingu-Tocantins.

Na região do morro e dos igarapés dos Arara encontram-se os seringais. A margem direita continuam as denominações que lembram os tais índios: o Bananal dos Arara, a Serra dos Arara e logo a Cachoeira dos Arara, que não passa de uma forte corredeira. A região vai povoando-se nas ilhas como em todo os trechos do Xingu e quase nunca em terra firme, por receio de índios "bravos". As choças de seringueiros, há pouco instalados, demonstram que o "elemento civilizado" avança lenta mas firmemente a conquista do "Médio-Alto Xingu".

### 1.5. Situação Cultural - Religiosa:

Os Arara usam para sua dormida redes de algodão brabo feitas por eles mesmos. Havia também troca de ferramentas (como ferro, facões, machados) entre Kayapó e Arara, que era muito importante para as duas tribos. Eles se enfeitam com colares feitos à base de dentes, especialmente quando eles estão fazendo um ritual macabro. Gostam de beber cachiri que é feito de mandioca, que por sinal é uma bebida muito forte. Sabe-se que seu artesanato é muito rico, gostam de se enfeitar e a pintura é bem predominante entre eles.

Obs: Fica muito vaga alguma definição a respeito da situação cultural e religiosa, porque como já se sabe, esse grupo é de contato bem recente e se tem poucos dados a respeito dessa tribo.

### 1.6. Situação Social:

"Segundo algumas pesquisas realizadas sobre os Arara, consta que eles são, no Xingu, nação indígena misteriosa por excelência. Os que foram vistos eram de tez clara e porte elegante. Passam por ser vistos como a nação indígena mais errante da região: Ora estão no Iriri, ora no Curuá de Ituqui, hoje na margem do Xingu, amanhã nas florestas da margem direita, mas não parecem se fixar em parte alguma. A tribo é famosa especialmente as mulheres devido à sua beleza. Ainda pouco misturados com os "civilizados", não se encontram entre eles senão uns poucos que sabem falar português e seus costumes ainda são muito mais os da maloca do que barracões". (Coudreau, H., 1876)

Obs: Pouco se pode relatar a respeito da Situação Social desse grupo, o que se sabe ainda é muito vago.

## 2 - ARAWETE

### 1. Grupo Indígena: Araweté. Posto de Atração do Igarapé Ipixuna.

#### 1.1. Caracterização Geral:

a) Área Indígena: Araweté, posto de atração do Igarapé Ipixuna.

b) Localização: Habitam uma só aldeia no Posto Indígena de atração do Igarapé Ipixuna, que é um rio de águas escuras e afluente da margem direita do Rio Xingu. A aldeia está localizada na margem esquerda do Médio Ipixuna, que corre no sentido SE/NO a partir do divisor de águas Xingu-Bacajá. Segundo Exedito Arnaud, os Araweté habitavam as cabeceiras do Rio Bacajá, hipótese levantada devido à descoberta de vestígios de peças e utensílios provavelmente por eles deixados.

Embora a área indígena esteja localizada no município de Senador José Porfírio, a maior influência sobre a aldeia está no município de Altamira, a noroeste, e São Félix do Xingu, ao sul. Na cidade de Altamira encontra-se a sede da FUNAI, e Altamira apresenta um "rápido crescimento" em virtude da construção da Transamazônica.

O território Araweté localiza-se na longitude de 52° 30' 15" Oeste, ocupando a parte centro-oriental da Amazônia brasileira, na quase parte central do estado do Pará, na latitude de 4° 45' 40" Sul.

O acesso à área se dá por via fluvial. No período da seca o acesso é mais difícil, pois o rio diminui seu volume d'água e seu leito é rochoso, com presença de afloramentos graníticos e elevações de pedras. Partindo-se de Altamira em viagem de voadeira, no sentido montante, com duração de cinco horas, ou ainda através de viagem com mono-motor até a aldeia, onde foi construída uma pista de pouso.

c) Extensão: 985.000 ha, com um perímetro de 500 a 600 km, aproximadamente.

d) Tronco Lingüístico: Pertencem ao grupo lingüístico tupi ou, segundo CASTRO, Eduardo Viveiros de, pertencem ao grupo tupi-guarani.

e) Língua: Pouco se tem sobre a língua Araweté, porém se sabe que é um dialeto tupi, todavia muito individualizado, pois ocorrem mudanças de algumas características fonéticas dos demais grupos tupi. Observa-se maiores semelhanças lingüísticas ao subgrupo tupi denominado he, mesmo assim apresentando algumas diferenças. Outra aproximação lingüística é com os Urubu-Kaapor, não sendo porém correto afirmar que pertencem ao mesmo grupo.

Através da aproximação lingüística pode-se incluir os Araweté no subgrupo Takunyapé/Amonajé/Guaju/Urubu/Wayãpi, porém apresentando algumas diferenças que o aproximam do subgrupo

Tapinaré/Canoeiro/Assurini (Akuáwa)/ Guajajara (Tenetebara). (Ver CASTRO, Eduardo V. de)

f) Demografia:

Em 1977 foi realizado um levantamento e contava com cerca de 120 pessoas. Nesta época os Araweté encontravam-se reduzidos devido a ataques de outros grupos indígenas, principalmente Kayapó e Parakanã, além do que vitimados por epidemias decorrentes de contatos com brancos.

Em 1979 a população Araweté atinge 133 pessoas, porém outra epidemia abateu o grupo e em 1980 o crescimento vegetativo foi muito pequeno. Em 1983 os Araweté contavam com 135 indivíduos, sendo 64 homens e 71 mulheres. Segundo levantamento realizado pela FUNAI no ano de 1986, a população Araweté conta com 159 habitantes.

1.2. Situação Fundiária:

Os Araweté ocupam uma área de 985.000 ha, identificada desde 1979 e em fase de demarcação. Existem seis famílias de não índios morando na área a mais de quinze anos, contudo, sem causar problemas.

O território Araweté, por outro lado, não se apresenta seguro, pois ainda não está demarcado e sofre ameaças pela presença de empresas mineradoras, programas de expansão agrícola e, atualmente, a construção do complexo hidrelétrico Kararahó/Babaquara, que inundará cerca de 124.150 ha de área Araweté ou 198.725 ha nas terras Assurini-Araweté. Segundo dados do CNEC, inundará cerca de 300.000 ha.

A área dos Araweté está sendo analisada e interditada pelo Dec. 88.118.183, através de projetos de regularização fundiária, previsto o término para 1989, pela FUNAI.

88.118/83

1.3. Histórico:

Crê-se que os Araweté habitavam as cabeceiras do Rio Bacajá e nos finais de 1950 os ataques Kayapó os obrigaram a se deslocar para o Igarapé Bom Jardim, e mais ao norte expulsaram os Assurini para se instalarem. Nesta antiga cabeceira do Bacajá ainda se encontram vestígios de algumas peças e utensílios por eles utilizados. Porém, as migrações Araweté não se fizeram com a presença de todo grupo. Houveram divisões onde parte da tribo se estabeleceu no Igarapé Bom Jardim e outra nas proximidades do Rio Piranhaquara. Nos finais de 1960 ataques Kayapó dispersaram o grupo, onde parte dirigiu-se ao antigo território Assurini, unindo-se ao grupo Araweté que habitava a área e outra parte dirigiu-se ao Bom Jardim.

Ao que tudo indica, nas décadas de 20. a 60 os Araweté realizaram várias migrações, extrapolando o trecho Bacajá-Ipixuna. Os dados, porém, são incertos e/ou incompletos. Tem-se, contudo, a presença de

sítios de aldeias mais antigas no médio-baixo Bacajá e alguns de seus afluentes.

O contato com população se deu pelos sertanistas, gateiros e caçadores que penetravam no território mantendo contatos intermitentes, através de trocas de utensílios, principalmente de ferro.

Hoje os Araweté ocupam a área do médio Ipixuna, no Posto de Atração da FUNAI, onde se processa a demarcação da terra.

#### 1.4. Situação Econômica:

A principal fonte de subsistência é a agricultura, de forma variada, onde os principais produtos são o milho e a mandioca.

O milho é plantado anualmente e utiliza-se como técnica de preparo do solo a derrubada da mata seguida pela queima. A colheita do milho se dá ao final do período das chuvas, entre março e abril, quando se colhe o milho verde. É o milho o principal produto de consumo, consumido verde, maduro, em forma de farinha, mingau, paçoca, bebida, durante o ano todo. Torna-se, inclusive, um produto mais utilizado do que a própria mandioca. A farinha de milho maduro é o produto básico na alimentação dos Araweté e, segundo Eduardo Viveiros de Castro, é "consumido durante nove meses por ano". A roça é preparada pelos homens, mas são as mulheres as responsáveis pelo plantio e colheita.

A mandioca é consumida como farinha ou como beiju, porém, ao que tudo indica, a mandioca só é consumida no período que os produtos à base de milho tornam-se mais escassos.

Porém, não é apenas o milho e a mandioca que são plantados pelos Araweté. Junto a esses produtos encontram-se a batata-doce, o cará, a macacheira, o algodão, a banana, todos com no mínimo duas variedades, além do curauá (fabricação de cordas), mamão, abacaxi, tiririca preta, urucum, cuieiros.

Em relação ao extrativismo, destaca-se a caça. As principais espécies são: jaboti, tatu, mutum, cotia, caititu, queixada, guariba, macaco-prego, paca, veado, inhambu, arara, hárpia, gavião, sendo que a maioria das aves são caçadas também pelas penas para fabricação de adornos. A arara vermelha e o papagaio são capturados e criados vivos. A caçada, limpeza e preparo são tarefas exclusivamente masculinas, podendo ter auxílio de uma mulher. Nas caçadas coletivas o grupo divide a alimentação por toda a aldeia, onde primeiramente se servem os homens, e em seguida as esposas. Nas refeições normais é comum se convidar pessoas para compartilhar das refeições.

Ainda no extrativismo animal, executa-se a pesca do timbó nos lagos e igarapés quase secos. A pesca do timbó é efetuada tanto pelas mulheres como pelos homens e a principal espécie é o trairão. Este tipo de pesca é denominada de "bater o peixe". Conforme baixa o leito

do rio, a pesca torna-se mais frequente, utiliza-se o anzol e a linha ou arco-e-flexa e os principais pescadores estão na faixa de cinco a quinze anos. As mulheres também participam da atividade de pesca e os homens adultos participam menos desta atividade, dedicando-se a outros afazeres. Os principais tipos de peixes são: trairão, tucunaré, pescada, surubim, curimatá, matrinchã, piaui, piranha, pacu, curupitê, cachorra, além dos jejus, tamoatás e carangueijos de pequenos riachos e lagos.

### 1.5. Situação Cultural-Religiosa:

Segundo Berta Ribeiro, as produções artesanais Araweté são um tanto simples. O mesmo coloca Eduardo Viveiros de Castro em se referindo à cultura material. Porém o autor levanta a hipótese de que esta "simplicidade" Araweté resulte das reais necessidades de fuga de ataques inimigos e do próprio contato com a população branca.

*Viveiros* Por outro lado, os Araweté possuem um instrumento xamanístico (chocalho) feito à base de talas de arumã e algodão que é originário e exclusivo dos Araweté, além da veste feminina de quatro peças. O próprio domínio do milho sobre a mandioca mostra uma ligeira diferença entre os Araweté e os demais grupos.

Usam brincos de tiritica preta e penas de arara como adorno, a principal cor da tintura corporal é o vermelho, utilizado no rosto, corpo e cabelo. A tintura é a base do urucum, que também é utilizada nos dias de festas e cerimônias. O padrão da pintura é o "yiriã": uma linha traçada no nariz e duas linhas são traçadas das orelhas até os lábios, esta pintura é também utilizada nos dias de festa.

Apresentaremos em seguida uma tabela de artefatos produzidos pelos Araweté apresentado na obra de Eduardo Viveiros de Castro: Araweté, os deuses canibais.

*Acervo em branco  
Campesinato*

Artefatos

HOMENS	MULHERES
Arcos (uso masc.)	Veste feminina
Flechas (uso masc)	Faixas de algodão, testeiras
Formão e afiador (uso masc)	Fios de algodão
Adornos plumários	Rede de dormir
Perfuração do <i>cãã</i> para os colares e brincos	Abano de fogo
Pentes	Cesto cargueiro
Maracá	Cesto pequeno para farinha de milho
Acabamento do chocalho aray	Esteiras, para assento ou para as paredes de frente e fundos da casa tradicional
Estojo para penas	Cerâmica (4 tipos)
Peneiras	Trançado do chocalho de xamanismo
Corte da raiz de paxiúba para ralador de mandioca	
Pilão e mão-de-pilão	
Colher de pau	
Fuso (uso fem.)	
Sovela	
Tear (uso fem.)	
Pau de cavar	
Cochos	
Cordas de carauá	
Hara	

\*Exceto quando indicado, os artefatos são usados por ambos os sexos

Quando usam tintura à base de jenipapo associam à mata, à guerra e aos mortos ou quando realizam expedições de caça. É uma pintura menos utilizada.

Os Araweté acreditam em vários deuses, em forma de homens, mulheres, animais (principalmente pássaros), espíritos da mata, da água, deuses canibais, além dos deuses que são espécies de "donos" de animais e vegetais encontrados na natureza. Realizam banquetes onde parte destina-se aos deuses e mortos, para que os mesmos não venham estragar o alimento e/ou acabar com a caça.

Entre os principais rituais temos o xamanismo do mel com o açaí, benzimento de jabutis (realizado na aldeia, diferencia-se do realizado na mata), benzimento do veado, da anta, além do importante ritual da festa do milho, que toma importância devido ao grande valor que o milho apresenta para toda a sociedade, sendo o principal produto de consumo.

Os Araweté possuem inúmeros deuses. Vamos citar alguns exemplos característicos de sua mitologia:





Atividades:

HOMENS

Selecionam o sítio das roças novas, derrubam a mata, queimam

Plantam mandioca, macaxeira, fumo, cará, curauá, banana

Ajudam na colheita, exceto do algodão e urucum

Constroem os jiraus e cestos para armazenagem das espigas para plantio, transportam as sementes para a roça nova

Caçam todos os animais, preparam o timbó, pescam com timbó, flecha e linha.

Carregam, esfolam, depenam e limpam os animais

Derrubam o açaf e bacaba. Derrubam árvores e erguem os jiraus para pegar mel.

Coletam castanha e outros frutos

Cortam palha e madeira para as casas

Cozinham a caça. Ajudam a pilar o milho e a ralar a mandioca

Ajudam na pilagem e cosimento do cauim. Homogeneizam a fermentação do cauim.

Cortam e carregam a lenha maior

Constroem e mantêm as casas

Secam e preparam o tabaco e o curauá

Enterram os mortos

MULHERES

Ajudam na queimada

Plantam milho, batata, mamão, algodão, urucum, abacaxi, cajuá

Colhem todas as plantas, exceto tabaco e curauá. Carregam o milho e a batata para a aldeia

Separam e derrubam o milho para plantio. Preparam mudas e clones para plantio

Ajudam a localizar jabutis. Pescam com timbó e linha.

Ajudam a depenar as aves, limpam o peixe, abrem os jabotis.

Fabricam recipientes para o mel, no mato. Trazem o mel para a aldeia.

Idem

Pegam o barro para cerâmica

Ajudam no cosimento da carne. Debulham, pilam e torram o milho. Cosinham os demais vegetais. Ralam e espremem a mandioca, e secam a farinha.

Preparam o cauim, cosem-no e mastigam o milho para fermentação.

Cortam e carregam lenha mais leve. Fazem fogo. Aproveisionam a aldeia de lenha, durante as caçadas coletivas masculinas. Carregam água das cacimbas

Descaroçam, batem e fiam o algodão. Preparam o urucum

Pintam e decoram os mortos.

Na aldeia Araweté é comum a separação, e relações incestuosas são evitadas com pessoas criadas como irmãos. Os Araweté normalmente se separam, havendo pouca duração na maioria dos casamentos, que podem durar apenas semanas. Quando ocorre da mulher não aceitar a separação, ela pode até reagir de forma violenta. Concretizando-se a separação, os filhos ficam no poder da mãe, que poderá ou não deixar a casa do marido, se a nova mulher for solteira, o marido deverá construir uma nova casa. Havendo troca de casais, os maridos permanecem na casa e as mulheres conduzem os filhos para a casa do novo cônjuge. Não se costuma controlar o número de filhos e nem praticar o aborto.

Os primeiros contatos mantidos com os Araweté datam de 1960/70, através de alguns gateiros e seringueiros que penetravam na região. Em 1973, a FUNAI começou a manter contato com alguns índios e em 1976 efetivou-se o contato com o grupo, que encontrava-se doente e reduzido, devido, principalmente, a ataques Parakanã. Muitos estavam gripados, com malária, corpo com feridas e por volta de junho de 1977, a tribo já estava mais regularizada, conseguindo recuperar o contingente populacional.

Obs: Na bibliografia sobre os Araweté, destaca-se a Tese de Doutorado de Eduardo Viveiros de Castro - "Araweté: uma visão da cosmologia e da pessoa Tupi-Guarani", defendido na UFRJ em 1984 e publicado em 1986 pela editora Zahar com o nome "Araweté: os deuses canibais".

3 - ASSURINI

1.1. Caracterização Geral:

a) Localização: Margem direita do Rio Xingu - Município Senador José Porfírio - PA.

1. Latitude: 3° 57' 45" S e 4° 48' 00" S

Longitude: 51° 58' 00" O e 52° 36' 30" O

2. Área Indígena Koatinemo - Posto da FUNAI na Aldeia

3. Extensão: 288.600 ha

4. Perímetro: 350 km

b) Características:

-Tronco lingüístico Tupi

-Na área há atualmente 2 famílias de invasores com 20 habitantes.

-Identificados em 1983.

1971

c) Demografia: População de 59 indivíduos.

d) Outros dados:

1. Acesso: Por via fluvial através do Rio Xingu no sentido montante, barco-motor (pequeno) 2 dias e voadeira 4 a 6 hs.

2. Solo: Latossolo vermelho-amarelo, textura média.

Podzólico vermelho-amarelo, textura argilosa.

Relevo: Suave a ondulado.

Período de chuva: dezembro a maio.

1.2. Situação Fundiária:

A área foi identificada, delimitada e aprovada pelo grupo de trabalho criado pelo decreto nº 88.11/83.

88.118/83

Há atualmente nesta área duas famílias de invasores com vinte pessoas, porém esse grupo não causa problemas à comunidade.

### 1.3. Histórico:

Os Assurini dominaram desde o século XIX a região entre o Xingu e o Bacajá, nas proximidades de Altamira.

Na década de 60 havia uma intensa exploração econômica, baseada na caça e na extração da borracha. Nesta fase, os contatos entre índios, gateiros e seringueiros eram rápidos e fugidios, onde os Assurini promoviam saques e acampamentos dos brancos à procura de artefatos de metal.

Na década de 70, com a construção da Transamazônica, iniciou-se uma fase de contato com os Assurini através da FUNAI e de missionários.

Em 1970 ocorreu o primeiro contato da FUNAI com os Assurini do Xingu, às margens do Rio Ipixuna. O primeiro grupo contactado se autodenominava "TJAMERA". Era composto por 76 índios, existindo na época ainda cerca de 200 espalhados pela região que vai do Igarapé Ipixuna ao Rio Bacajá. Atualmente, os Assurini encontram-se numa situação de declínio populacional, em virtude do contato com a civilização branca.

*fai um aldeia nova, há um limite ancestral - parte de 1983*

### 1.4. Situação Econômica:

Tradicionalmente, os Assurini praticam uma economia de subsistência, tendo como elemento básico a agricultura, a caça, a pesca e a coleta.

Na agricultura, a mandioca é fator básico. Entretanto, os Assurini cultivam ainda milho, batata-doce, favas, algodão, cará, urucu, tabaco, banana, melancia e amendoim.

A caça Assurini busca animais de pequeno e médio porte, seguindo uma ordem de preferência: Porco do mato, mutuns, caititus, cutias, pacus, jacus e manbus. Outra atividade constante dos Assurini é o apresamento de jabutis, realizado com maior intensidade no verão.

A pesca coletiva é realizada nos igarapés, nos lagos e em locais do Rio Ipiaçava, onde as técnicas tradicionais são utilizadas. Em locais onde as águas são represadas de forma natural ou através da construção de tapagens, os peixes são flexados ou recolhidos em cestos.

A coleta Assurini busca basicamente três produtos: o coco, o babaçu e a castanha-do-pará.

O contato com o homem branco introduziu uma série de novas necessidades na relação dos Assurini com o meio ambiente, trazendo conseqüências para sua atividade econômica. Os instrumentos utilizados na caça, na agricultura e na pesca, bem como a técnica tradicional, foram substituídos ou mesclados com a técnica e instrumentos do homem branco. Hoje, armas de fogo, anzóis, linha de nylon, machados e facões

são utilizados como instrumentos indispensáveis à produção econômica deste grupo.

Outro tipo de relação econômica introduzida pelo homem branco foi o comércio. Para suprir suas necessidades atuais, os Assurini têm que produzir para comercializar, e a mercadoria básica de que lançam mão é seu artesanato.

#### 1.5. Situação Cultural-Religiosa:

Atualmente, devido ao processo de declínio populacional que este grupo atravessa em função de inúmeras doenças adquiridas através do contato com o branco, os Assurini intensificaram a utilização de rituais tradicionais de caráter religioso, principalmente os ritos de cura conhecidos como pajelança. "Estes rituais de cura são o principal instrumento de luta dos Assurini contra as doenças que os ameaçam, segundo os padrões culturais tradicionais dessa sociedade." (Regina Müller)

Estes rituais de pajelança compreendem fundamentalmente dois ritos; o nubaraká, rito que se desenvolve através do canto e da dança utilizados pelos xamã (Pajé), com a finalidade de evocar os espíritos com os quais entra em contato para promover a cura; e o Petymwo, rito que consiste em massagear o corpo do paciente baforando fumaça de um charuto (petym) sobre o mesmo.

#### 1.7. Situação Social:

A estrutura social Assurini é composta por grupos domésticos e se expressam através das relações de trabalho. As tarefas de maior dificuldade, como a derrubada de grandes árvores na floresta para formar um roçado, são realizadas coletivamente pelos homens da aldeia.

Homens e mulheres realizam o plantio, entretanto, o cultivo do milho é tarefa exclusiva das mulheres Assurini, o que configura uma certa "divisão sexual do trabalho".

Estes grupos domésticos mantêm entre si, relações de cooperação, pertencendo a produção da roça às suas mulheres, em torno das quais este grupo é organizado.

#### 4 - CURUAIA/XIPAIA

##### 1.1. Caracterização Geral:

a) Área Indígena : Curuá

b) Localização:

Latitude: 05° 24' 03" S e 05° 23' 50" S

Longitude: 54° 26' 38" O e 54° 25' 42" O

c) Extensão: "A área reivindicada pelos Curuaya é identificada pelo G.T., é conhecida como CAJUEIRO e abrange uma extensão de 13.000 ha aproximadamente. Ao norte é limitada pelo Igarapé Tapera, a oeste pelo Rio Curuá, a leste com o divisor de águas do Rio Iriri/Curuá e ao sul pelo Igarapé Favela".

d) Tronco Lingüístico: Segundo a classificação feita por Ayron Dall'igna Rodrigues, os Xipaia e Curuaya constam como língua da família Juruna, do tronco lingüístico Tupi. Em contrapartida, segundo as informações de "NIMUENDAJU", que também manteve contato com os índios desses dois grupos, o Xipaia assemelha-se ao Juruna, no entanto, os Curuaya se identificam mais com os Munduruku. Esta informação coincide com as obtidas pela FUNAI em recente pesquisa junto aos Xipaia e Curuaya que ainda dominam o seu idioma. Segundo os Curuaya, eles e os Munduruku, no passado, constituíam uma única nação.

e) Demografia:

Na área indígena Curuá, segundo levantamento da FUNAI, existe uma população de 43 indivíduos, sendo que dois são Curuaya, filhos de pai e mãe Curuaya, sete são "civilizados" casados com Curuaya e trinta e quatro são filhos ou netos de Curuaya já miscigenados com "civilizados".

É importante ressaltar que os indivíduos que nasceram de casamento interétnico de "civilizados" e curuaya, se identificam e são identificados pela população local como Curuaya.

##### 1.2. Histórico:

Tradicionalmente os Curuaya habitavam a região do Rio Curuá e os Xipaia as ilhas do Iriri. Segundo informações de Minuendaju, os Xipaia chegaram nesta região a partir de um processo migratório provocado por ataque de grupos Kayapó.

Em meados do século XVIII, segundo informações do Pe. Eurico Krautler, foi realizado o primeiro contato com os Curuaya e Xipaia pelo Pe. Roque Hundertpfund, que subiu os rios Xingu e Iriri pela primeira vez.

Já em fins do século XIX, os Kuruaya e Xipaya tiveram um contato mais direto com a sociedade nacional, via frente de extração da borracha. Neste mesmo período, estes grupos foram vítimas de inúmeros ataques dos Kayapó, segundo (E. ARNAUD, 1983), este fato contribuiu de maneira decisiva para que os Kuruaya e Xipaya aceitassem participar de uma relação de trabalho baseada na subordinação aos patrões seringalistas.

No início deste século ainda foram localizadas algumas aldeias Curuaya na região do alto Rio Curuá (Ig. Piriatiá). Estas aldeias, após ataque dos Kayapó, foram abandonadas pelos sobreviventes, que partiram em direção da "civilização em busca de proteção".

Atualmente os Curuaya e Xipaya encontram-se dispersos como grupo, em decorrência de seu engajamento compulsório à economia da região. Hoje, remanescentes deste grupo podem ser encontrados ao longo do Rio Curuá, Iriri, Xingu ou nas cidades de Marabá, Itaituba e Belém.

### 1.3. Situação Econômica:

Em decorrência do avançado estágio de contato com a sociedade nacional, os Curuaya do Rio Curuá hoje participam de relações econômicas vinculadas ao conjunto da economia regional, basicamente voltada à indústria extrativa.

As principais atividades econômicas deste grupo são a extração da seringa e a coleta de castanha para comercialização. Vale ressaltar que recentemente os homens desse grupo têm se dedicado à extração de ouro em garimpos próximos da área.

As relações de comércio entre Curuaya e "civilizados" se realizam através do "regatão", onde os produtos extraídos por este grupo são vendidos e o pagamento é feito sob a forma de fornecimento de mercadorias. Estas mercadorias, geralmente, são vendidas a preços extorsivos quando comparados aos preços praticados em Altamira.

Outras atividades econômicas praticadas com a finalidade de prover a subsistência desse grupo são: a agricultura, a caça, a pesca, a criação de pequenos animais (galinhas, patos) e a coleta de frutos silvestres.

A agricultura de subsistência praticada por cada família consiste no plantio de uma roça às proximidades das moradias, variando a extensão em torno de 1 ha, onde são plantadas a mandioca, o inhame, a banana, o cará, o milho, a cana-de-açúcar e o café.

Na caça, a espingarda é o instrumento mais utilizado e as espécies mais encontradas na região são: porcão, veado, caitetu, paca, tatu, jacamim, mutum e nhambu-açu.

A pesca é feita no Rio Curuá, que apresenta uma diversificação muito grande de peixes, principalmente no verão, onde são apanhados



com freqüência a pescada, o surubim, o pacu, o aracu, pirará, fidalgo, piranha, cachorra, sardinha, gato e garatinga.

Quanto à coleta de frutos silvestres, esta tem como finalidade a complementação alimentar, e os frutos silvestres mais encontrados são: açaí, bacaba, patuá, cajá, piriri e cacau.

#### 1.4. Situação Social:

Atualmente os Curuaya/Xipaia encontram-se integrados ao meio regional, vivendo como ribeirinhos espalhados ao longo do Rio Curuá. Da sua estrutura social original, nada restou. Hoje eles vivem dispersos tanto do ponto de vista espacial como do cultural, perderam a perspectiva de grupo indígena e não constituem aldeias. As relações sociais praticadas por eles estão subordinadas à sociedade nacional.

*Em Curuaya (Xipaia)  
fora do Rio Curuá?*

5 - JURUNA

1.1. Caracterização Geral:

- Localização: Rio Xingu - Furo Seco - Município de Senador José Porfírio.
- Latitude: 3° 25' 20" S / 3° 31' 40" S
- Longitude: 51° 45' 42" O / 51° 51' 0
- Área Indígena de Paksamba (Paquiçamba) - não há posto indígena
- Extensão: 6.000 ha - 33 km aproximadamente.
- Tronco, Lingüístico: Tupi
- Vivem como populações cablocas, participando da extração da borracha.
- Identificam-se como Juruna.
- Forte miscigenação
- Demografia: Pop. de 46 indivíduos. 30 homens e 16 mulheres.

Obs: Existe presença de dois não índios. Em 85, levantamento em set. - 50 pessoas - Residente fixo 24.

\* Outros dados:

- 1 - Localização a 50 km de Altamira
- 2 - Acesso: fluvial (7 horas de barco a motor)
- 3 - No inverno o acesso é mais fácil, porque o Rio Xingu está cheio.
- 4 - No verão o acesso é mais difícil.

1.2. Situação Fundiária:

Esta área indígena se encontra em fase de conclusão da demarcação. Em dezembro de 1986, o processo de demarcação estava em estado terminal. No momento, devido à falta de recursos, as atividades estão em recesso. Ainda falta demarcar 16 km pelo rio Xingu.

### 1.3. Histórico:

No século XVII, no período em que iniciou-se a ocupação portuguesa no vale amazônico, os Juruna habitavam a foz do Xingu. Diante de constantes incursões portuguesas e das várias tentativas de aldeamento deste grupo, através de missões religiosas, os Juruna procuraram refúgio na área das cachoeiras, que se constitui numa proteção natural contra os ataques dos portugueses.

No início do século XVIII, os Juruna já haviam recuado subindo o rio, embora ainda se encontrassem alguns remanescentes no baixo Xingu. Ao redor de 1750, a nação Juruna foi localizada pelo padre da Companhia de Jesus, Roque Hunderptfundt, há trinta léguas de distância, subindo a boca do rio Xingu. Os Juruna constituíam quatro pequenas aldeias em ilhas no rio Xingu. Ainda em meados do século XVIII, os Juruna abandonaram este local e se dirigiram para cima das cachoeiras de Volta Grande, onde os Jesuítas haviam construído uma missão chamada Tavaquara ou Tavaquera. Nesta mesma época foi construída uma estrada que ligava o rio Tucuruí (Turicuri) ao rio Aruahy, mais ou menos no local onde está Altamira.

Mais uma vez a tentativa de aldeamento dos Juruna viu-se frustrada, desta vez em decorrência da extrema severidade do missionário responsável.

Já no século XIX, os Juruna se deslocaram mais uma vez, encontrando-se agora a 8ª de latitude. Ao longo desse tempo, este grupo sofreu drásticas reduções na sua população, pois cem anos antes esta nação contava com 2.000 índios. Entretanto, no século XIX, as quatro aldeias Juruna contavam com 40 a 50 indivíduos nas maiores e cerca de 20 nas menores.

Em função de ataques de outros grupos indígenas antagônicos, os Juruna foram obrigados a construir suas aldeias em ilhas no meio do rio. Estas aldeias eram compostas por pequenas construções de espaço muito reduzido onde estes indivíduos se aglomeravam.

Por volta de 1896, "CONDREAU", ao explorar o curso médio do Xingu, delimitou o território Juruna numa faixa entre a praia grande e a pedra seca. Observou também que a exploração da seringueira por parte dos brasileiros ocasionou a invasão das terras indígenas por parte destes últimos.

O contato com seringalistas e castanheiros trouxe como consequência a modificação de hábitos e tradições da tribo. Nesse período, os Juruna participam de uma nova relação de trabalho marcada pela subordinação aos patrões brancos.

Eduardo Galvão concluiu que o decréscimo populacional dos Juruna é devido não somente às doenças e ataques, tanto de outros grupos indígenas quanto de brasileiros, como também ao processo de aculturação que dispersou os indígenas de suas relações grupais, tendo uma boa parte deles se incorporado às populações caboclas.

Na atualidade, a maior parte dos Juruna se localizam próximos ao acampamento Diaurum, da expedição roncador, Xingu, às margens do rio deste mesmo nome. O acampamento se encontra abaixo da foz do rio Sulá Missu, à altura do paralelo 12. Este acampamento é composto por 37 indivíduos, o que constata o processo de extinção a que o grupo foi submetido ao longo do tempo.

#### 1.4. Situação Econômica:

"A economia Juruna é baseada em atividades de subsistência, garantido pela prática de hortaliças, caça, pesca e coleta".

"As necessidades diárias de cada um são providas em geral pelo seu grupo doméstico, embora a aldeia, muitas vezes, funcione como uma unidade econômica". Os produtos fundamentais à sobrevivência Juruna se dividem entre a família nuclear, a família extensa e a aldeia, sendo que a produção é para consumo próprio, não havendo excedentes que possibilite intercâmbios regulares entre os outros grupos existentes na área ou fora dela.

A base da subsistência atual dos Juruna repousa na agricultura - derrubada e queimada de mata para o cultivo de mandioca, macaxeira, milho, batata-doce, cará, abóbora, fava ou feijão, mamão, cana-de-açúcar, melancia, banana, abacaxi, amendoim, fumo, pimenta, algodão, cabaça, gengibre e açafrão.

A caça e a pesca, outros elementos fundamentais na economia de subsistência Juruna, são tarefas exclusivamente masculinas: a pesca é realizada na época da seca e da chuva. Na seca é possível pescar o tucunaré, curimatã, bicudo, traíra, trairão, matrinhã, pacu, pintado, piranha, acará e arraia. Na época de chuva, a pesca é mais rara, as espécies apanhadas com mais frequência são: matrinhã, pacu, curimatã, piranha e poraque. Atualmente a pesca se pratica não só com o timbó, mas também com anzol e fio de nylon.

A caça é realizada com auxílio de armas de fogo e também de arco-e-flecha. Os principais animais abatidos são o mutum, jacubim, macaco, anta, queixada, porco-do-mato, paca e veado.

A coleta é tarefa para ambos os sexos e tem importância reduzida para a economia Juruna. É colhido o mel e frutas silvestres: mangas, cocos e jenipapos. Também são recolhidos ovos de tracajá e saúva.

#### 1.5. Situação Cultural-Religiosa:

"Os Juruna, em sua migração para o alto Xingu, sofreram uma série de contatos e influências 'alienígenas', que trouxeram como consequência um decréscimo populacional, bem como a desorganização do seu modo de vida, com repercussão no seu sistema religioso". Neste sentido, as informações sobre a religião Juruna são escassas e fragmentárias. No entanto, podem ser identificados os seus elementos mais marcantes.

A religiosidade Juruna se manifesta através de crenças: acreditam numa divindade (que os Xipaia chamam *Kumanyari*) e num herói cultural descendente de uma onça preta (*Cinaã*). Acreditam em espíritos da água e da mata e na alma de Jurunas mortos: homens comuns ou pajés. A partir dessas crenças, alguns locais, especialmente as rochas, são considerados moradia dos espíritos.

Outra forma de manifestação da religiosidade Juruna são as práticas Xamanísticas, onde o pajé é intermediário entre os demais Juruna e o sobrenatural. Desta prática, os rituais de cura são mais constantes, onde os pajés usam fumo, massagens, sucção com a boca e transferem as influências malignas para um ramo de folhagem.

Além das práticas Xamanísticas, os Juruna acreditam em restrições vinculadas ao sobrenatural. Estas restrições consistem em abstinências sexuais e alimentares por parte da família do enfermo. A família do enfermo deve se privar de certos tipos de alimento, a piranha por exemplo, e se abster totalmente da prática sexual.

Os juruna acreditam que a quebra dessas restrições ocasionam prejuízos maiores à saúde do enfermo, e em caso extremo podendo até provocar a morte deste.

#### 1.6. Situação Social:

A organização social dos Juruna se baseia em famílias extensas, patrilocais, que ocupam residências comuns. Entre os Juruna existe uma divisão de trabalho bastante simples e flexível, onde qualquer homem e qualquer mulher podem realizar as tarefas atribuídas a seu sexo. Os homens geralmente cuidam das tarefas mais pesadas, como a derrubada de árvores, a queimada, a coivara, a caça e a pesca, enquanto que as mulheres participam do plantio, colheita, coleta e da preparação de alimentos.

Atualmente, estas regras de divisão de trabalho são menos rígidas do que no passado, sendo que geralmente existe uma ajuda mútua muito grande nas tarefas pertinentes a cada um dos sexos.

Outro fator importante da situação social dos Juruna é a questão da propriedade. A divisão de bens entre os Juruna não se caracteriza totalmente na realidade, pois o particular e o coletivo se confundem, dado às estreitas relações de parentesco entre os indivíduos. Neste sentido é possível distinguir quatro categorias básicas de propriedade, embora algumas vezes elas existam mais num plano ideal do que real: 1º) bens possuídos por um só indivíduo; 2º) bens pertencentes ao casal; 3º) bens possuídos por um grupo familiar e 4º) bens pertencentes ao grupo Juruna como um todo.

No que diz respeito ao casamento é permitida a poligamia, embora esta prática não seja verificada com constância. Quando a chefia do grupo tradicionalmente deve ser transmitida de pai para filho, após o falecimento do pai o filho assume como chefe.

Obs: 1) Na área indígena Paksamba existem moradores não aglomerados num esquema de aldeia, conta com três famílias.

2) Em Altamira, no porto e vice-versa, sai voadeira e barco toda hora para a ilha da fazenda e vai até o garimpo situado na ilha da fazenda. Da ilha da fazenda continua até na entrada do furo seco (entrada para a aldeia indígena) até onde encontram a casa de Manuel Juruna. Esta localiza-se na beira do rio Xingu.

6 - KARARAÓ

1.1. Caracterização Geral:

a) Area Indígena: Kararaó

b) Localização: O grupo localiza-se à margem direita da cabeceira do Igarapé Continho ou Pedro Arcângelo, município de Altamira, estado do Pará. Latitude 4° S, 53° O. A viagem é feita por via fluvial através do Rio Xingu, sentido montante e Rio Iriri, um barco motor com percurso de 2 a 3 dias em voadeira no tempo de 3 a 5 horas.

c) Extensão: 224.000 ha e um perímetro de 252 km.

d) Tronco Lingüístico: Jê

e) Língua: Macro-Jê, família Jê.

f) Demografia: População de 39 habitantes (até 30/06/86)

*Atualizar*

1.2. Situação Fundiária:

A área está em fase de demarcação por uma equipe da FUNAI - Brasília, com fins previstos para 1987.

1.3. Histórico:

Os índios Kayapó, originalmente conhecidos como Gorotire, habitavam às margens do Riozinho, afluente do Rio Fresco. Suas aldeias eram próximas à cachoeira de Fumaça. Os grupos atuais se originam das cisões ocorridas no grupo, o que é sua característica cultural.

Os Kararaó são um subgrupo Kayapó, que se separaram dos Gorotire, quando eles habitavam o Rio Vermelho, afluente do Rio Fresco. Esta separação ocorreu em 1920, indo os Kararaó para o município de Altamira e Porto de Moz. Até 1930 o grupo ficou isolado e na época a população era de 150 a 200 índios.

O grupo novamente se divide, até que em 1930, quando um dos grupos passou para a margem do Igarapé Pinetecana, começaram a estabelecer contatos com a população de Porto de Moz. Desses contatos sofreram várias doenças, então eles voltaram a se refugiar no mato.

Em 1940, 12 sobreviventes acamparam próximos a Altamira, o que resulta mais tarde num conflito com mortes. Um único sobrevivente escapou, fugindo para sua aldeia.

Em 1965 foi formado pelo SFI uma expedição de atração aos que restaram do grupo. Eram 48 índios. Em consequência de transferência mal realizada pelo SFI, morreram com fome e doença. Houve ainda o engajamento do grupo na coleta da castanha-do-pará (sem sucesso).

Em 1967 houve uma epidemia de sarampo que quase extinguiu o grupo todo, e quando conseguiram se recuperar, foram novamente transferidos pelo SFI para o médio Bacajá, ficando com carência de roçados, apenas pescando ou caçando. Em 1970, alguns remanescentes foram se integrar aos Xicrim do Bacajá, dividindo o grupo. Em 1971, a reserva ainda não era demarcada.

Em 1979, foram transferidos novamente pela segunda delegacia para uma aldeia Xicrim-Kayapó (P.I. Bacajá). O motivo, segundo a FUNAI, era por o grupo ser de uma só família, o que causaria problemas com incesto no futuro.

Quando restavam apenas seis mulheres, um homem e 15 crianças, foi pedida uma pesquisa naquela comunidade, a mesma não tendo ocorrido por falta de verba.

Enquanto isolado, o grupo pôde sobreviver às situações adversas, depois do contato havia possibilidade mesmo de ser extinta devido à deficiência da ação protectionista.

Em 1979 foram removidos da sua área para a aldeia denominada Xicrim-Kayapó (P.I. Bacajá), embora a sua remoção tendo causado alguma resistência de sua parte. Eles pretendem retornar para a reserva Kararaó, no entanto, até hoje não houve solução para o caso. Além disso, paira sobre eles a inundação de sua reserva pela Hidrelétrica de Babaquara.

*da voltaram atualizar*

#### 1.4. Situação Econômica:

##### 1.4.1. Agricultura:

Retiram seu sustento da agricultura de corte e queima. A derrubada da mata é feita entre a segunda quinzena de junho e a primeira quinzena de agosto. Posteriormente se dá a queima do roçado, entre setembro e outubro. O plantio varia conforme a espécie. Os produtos cultivados são mandioca, milho, banana, arroz, batata-doce, inhame, feijão, abóbora, abacaxi e algodão.

##### 1.4.2. Caça e Pesca:

É da caça que eles retiram a maior parte de proteína consumida. É uma atividade praticada exclusivamente pelos homens. Os animais preferidos são anta, jabuti, pacá, macaco e porco-do-mato.

A pesca é praticada o ano todo. O material usado é o anzol e a tarrafa. O tradicional arco-e-flexa só é utilizado em casos esporádicos.

##### 1.4.3. Coleta:

A coleta da castanha-do-pará passou a ser a principal atividade responsável pela subsistência do grupo. Eles costumavam coletar em tempo integral durante os primeiros quatro meses do ano. Sendo a



assistência de saúde precária, estão sujeitos à malária, que quase sempre os atinge.

#### 1.4.4. Divisão sexual do trabalho :

Os homens caçam e as mulheres trabalham na roça. Os homens derrubam a mata e preparam o solo para o plantio e também ajudam as mulheres na limpeza e sementeira, enquanto as mulheres transferem os produtos coletados para a aldeia.

#### 1.5. Situação Cultural-Religiosa:

##### 1.5.1. Cultura Material :

As casas Kararaõ têm os tetos cobertos de folhas de palmeira. Algumas já se constroem divididas em quartos desiguais, onde o menor é dormitório.

##### 1.5.2. Pinturas do Corpo:

As das crianças são decorativas e ricas em motivos. As mulheres se pintam umas às outras com tinturas de jenipapo. Elas se pintam iguais durante vários dias. Os corantes usados na pintura são urucum e jenipapo com carvão. Este último é utilizado exclusivamente pelos homens em pinturas de guerra.

##### 1.5.3. Ornamentos:

São plumas, jóias, colares, braceletes e brincos.

##### 1.5.4. Depilação:

Utilizam placas de taquara, homens, mulheres e crianças têm a parte de cima da cabeça completamente raspada desde os cinco anos.

O cemitério é instalado próximo à aldeia. A forma das tumas faz supor que os corpos eram enterrados agachados ou sentados. Hoje em dia, são enterrados deitados sobre esteiras, sendo a sepultura coberta com varas e posteriormente com terra. Tais locais não devem ser visitados durante as tardes e noites.

Logo após a morte, os parentes próximos dão gritos agudos e fortes ao redor do cadáver. Lamentações acompanhadas de lágrimas continuam até o enterro.

Obtém a revelação direta do sol através dos sonhos ou visão. Costumam fazer orações à lua quando estão caçando sozinhos. Durante o eclipse lunar levantam uma menina em direção à lua oferecendo como sua esposa. Esse procedimento tem supostamente a intenção de evitar que a lua caia sobre a terra e destrua o homem.

### 1.6. Situação Social:

Há etapas características durante a vida dos Kararaó. A mulher grávida e seu marido observam diversas proibições, cuja quebra virá afetar a criança. Os pais não podem comer veado, jabuti e coati. O matrimônio é monogâmico e decidido pelos pais quando os noivos ainda são crianças.

O sistema de parentesco é matrilinear e as regras de residência são matrilocais. Uma mulher tem relações fortes com sua mãe, irmãs e tios. Uma filha jamais deixa sua mãe.

A casa dos homens funciona como centro de vida masculino. Ali é lugar de trabalho artesanal, clube de descanso, planejamento de atividades cerimoniais e também uma assembleia política.

Os indivíduos da mesma idade são agrupados em classes hierárquicas com tarefas precisas.

*Generações  
Konyaps que  
se informam sobre  
sobre o Kararaó!*

7 - PARAKANÁ

*Talfo de  
fronte a relação  
reflexo do  
apertamento  
especial*

1.1. Caracterização Geral:

- a) Área Indígena: A.I. Apiterewa
- b) Localização: Segue-se de Altamira no sentido montante ao rio cerca de 6 a 8 horas em viagem de voadeira.  
Latitude: 5°36'11" S  
Longitude: 52°11'45" O

Obs: Média de 8 pontos perimetrais - dados obtidos da portaria nº 3632/87 da FUNAI, Brasília, 6 de nov. de 1987.

Ocupação Territorial Atual: Áreas Indígenas Parakanã e Apyterewa, basicamente.

Unidade Administrativa: ADR de Altamira - 4ª SUER/PA.

Interferência: A UHE Babaquara atingirá 10 % da área.

- c) Extensão da Área: 266.800 ha
- d) Tronco Lingüístico: Tupi
- e) Língua: Não há informação disponível.
- f) Demografia: São vagas as informações sobre a demografia deste grupo, mesmo porque é possível que ainda haja grupos não contactados.

*? quais dados disponíveis?*

1.2. Situação Fundiária:

*Final*  
A área foi interdita oficialmente pela portaria nº 3632/87, de 6 de novembro de 1987, para evitar a ação nociva e as ameaças sofridas pelos índios recém-contactados por parte de invasores, garimpeiros, madeireiros e pessoas estranhas.

1.3. Histórico

Tornaram-se conhecidos no início deste século, em termos documentais, através dos índios Arara-Pariri, que foram expulsos pelos Parakanã por volta de 1910. Estenderam seus domínios, ocupando a área delimitada entre os rios Tocantins, Médio, Xingu e o Alto Rio Pacajá.

Os Parakanã, visto que fazem muitas perambulações, ocupam uma vasta extensão de terras, hoje limitada a Áreas Indígenas de domínio

Jê e Tupi. Vem desde as proximidades de Marabá até a microrregião de Altamira. Aos Jê correspondem grupos da família Kayapó (Xikrin do Bacajá e Kayapó do Xingu), originários de cisões e junções ocorridas anteriormente. Quanto aos Tupi, podem ser encontrados os Akawawa-Assurini, os Assurini do Xingu e os Araweté. Em 82 e 83 houve notícias de conflitos entre estes últimos e duas tribos Parakanã, na época ainda não contactadas.

#### 1.4. Situação Econômica:

Sua alimentação vem especialmente da caça e da agricultura, havendo também, em menor escala, a pesca e a coleta. A agricultura é mais intensa no verão, e a caça e a coleta (especialmente o jabuti) persistem por praticamente por todo o ano.

A caça é uma atividade masculina, realizada em grupos familiares, ou com os homens adultos, em grandes caçadas. Já a pesca é uma atividade de lazer, envolvendo elementos de todas as idades e ambos os sexos. Ela é realizada com uma erva venenosa, e apenas após o contato com a FUNAI passa a ser realizada também com linha e anzol. Também pode haver pesca com arco e flexa. A coleta é, em geral, uma atividade feminina. Quando se destina à manufatura de objetos, ela é feita por quem vai confeccioná-lo.

A agricultura é uma atividade coletiva, cabendo ao homem o preparo do terreno e à mulher o plantio e a colheita, sendo esta última eventualmente auxiliada pelo homem. Já a roça de fumo pertence exclusivamente ao homem, já que à mulher não é permitido fumar.

Seus produtos manufaturados trançados são atividade da mulher, e incluem cestos e utensílios de casa, cabendo ao homem apenas a confecção de ornamentos corporais. A tecelagem é trabalho exclusivo da mulher, e inclui rede e tipóia. A plumária se resume a ornamentos de cabeça e braçadeiras. Seus produtos de barro são produzidos apenas para o uso culinário (panelas) e seus únicos armamentos são o arco e a flexa, confeccionados exclusivamente pelos homens. A pintura corporal é atividade de ambos os sexos.

No que toca à introdução de novos elementos, podemos citar as armas de fogo, munição, anzol, linha de nylon e chumbada, na caça e na pesca. A castanha-do-pará transformou-se em atividade econômica, comercializada pela FUNAI, e passou a ser feita também pelos homens. Foi introduzido em sua alimentação o arroz, cana-de-açúcar, sal, óleo comestível, açúcar, etc. Também já faz parte de sua vida comum peças do vestuário ocidental, especialmente camisetas e calções.

Obs: Estas informações quanto ao modo de vida Parakanã são de grupos do P.I. Parakanã e do P.I. Marudjewara, pois informações mais recentes referentes aos grupos mais recentemente contactados da A.I. Apyterewa não foram obtidas.

### 1.5. Situação Cultural-Religiosa:

Os Parakanã não possuem uma técnica aprimorada de manufatura, os seus artefatos são os campos de trançado da tecelagem, da plumária, da olaria, de armamentos, da pintura corporal, etc. O trançado, na maioria das vezes é exclusividade das mulheres, sobressaltando-se a cestaria, onde se encontram cestos destinados ao transporte e depósito de produtos e objetos. Existe também abanos, esteiras e peneiras que são confeccionados por eles. Também existe um cesto que é confeccionado com a folha da palmeira de juçara.

O homem, por outro lado, trabalha com o trançado que é destinado à ornamentação corporal, como por exemplo o adorno de cabeça, a braçadeira e ainda o cobre-sexo.

A tecelagem é um trabalho de fio de algodão e é feito especialmente pelas mulheres, salientando-se a rede e a tipóia. Um outro artefato que é confeccionado com este material é a jandeira, que é um ornamento corporal. O que é muito predominante entre eles é a confecção de trabalhos feitos à base de barro, que é destinado para o processo de cozimento. Eles também confeccionam flexas que podem ser encontradas em três modelos, sendo uma feita com a ponta de madeira, outra com a ponta de taquara e a outra com a ponta de osso.

A pintura é feita de sumo de jenipapo e é muito predominante entre eles.

Dentro do contexto religioso, existem os curandeiros ou pajé, que realizam sessões de cura. A cura é realizada através da utilização de um cigarro, o qual é tragado várias vezes e soprado sobre o local afetado. A mão do curandeiro é passada no sentido da cabeça aos pés, juntamente com o sugamento do local atingido.

Não existe uma religião formada entre eles, procuram através da pajelança a cura das doenças através de um simples toque de mão, isso querendo expressar a amizade entre eles.

### 1.6. Situação Social:

De modo geral, localizam-se em lugares altos, à beira de pequenos igarapés, já que não são canoeiros e vivem na floresta. Costumam morar todos em uma grande casa. Sua sociedade é patriarcal, cabendo a liderança ao grupo local mais velho, e a casa grande abrigando as famílias relacionadas com o lado paterno. Mesmo que surja nova ou novas casas devido ao aumento da população, esta fica próxima à casa de origem. Estes moldes tradicionais tendem a ser abandonados conforme seu contato com a FUNAI os obriga a constantes deslocações.

A área de recreação fica no próprio espaço entre as casas da aldeia, não havendo uma "praça". Nos moldes tradicionais, há também a casa cerimonial (Tokaxa), temporária, utilizada apenas no verão local. No restante do ano, torna-se local de recreação ou artesanato. Há

também a Tekatawa, que abriga a roda-dos-fumantes, geralmente localizada distante da aldeia, ou às vezes até inexistindo.

Entre os Parakanã não há liderança política, sendo ela exercida pelos líderes locais de cada família. Há também líderes menores, que exercem sua influência nas decisões domésticas.

B - XICRIN/CAYAPO

1.1. Considerações Gerais:

a) Area Indígena: Bacajá

b) Localização:

Rio Bacajá, afluente do Rio Xingu/Município de Senador José Porfírio / Latitude entre 04° 38' 42" S e 05° 08' 51" S; Longitude entre 51° 12' 28" O e 51° 45' 58" O. O meio de acesso é feito por via aérea de Belém à cidade de Altamira, seguindo-se desta por via fluvial através do Rio Xingu, no sentido montante uma viagem de 5 a 6 dias em barco-motor de pequeno porte (ou mesmo em voadeira num tempo de 5 a 6 horas), entrando pelo Rio Bacajá, de onde a pé percorre-se mais 2 km, até alcançar a referida aldeia. Pode ainda se chegar à aldeia por via aérea em avião monomotor.

c) Extensão: 192.125,9930 ha

d) Tronco Lingüístico: Jê

e) Língua: Jê

f) Demografia: 196 habitantes divididos em duas aldeias:

-Aldeia Kayapó (Trincheira)

Líder: Beptop Xicrin e Todfore Xicrin.

Homens: 22      Mulheres: 18      Total = 40

-Aldeia Produkouso (Xicrin)

Homens: 72      Mulheres: 77      Total = 149

*líder: (Beptop)*

Obs: Na realidade existem 194 habitantes, sendo que uma família não se encontrava presente na casa por ocasião do levantamento, daí o número não bater com o total. A família não presente pertence à casa nº 2 (Xicrin).

1.2. Situação Fundiária:

Possui área demarcada desde 1982, porém encontra-se em estudo a ampliação da área.

*correção do limite, sucessivamente demarcados (há ampliação)*

1.3. Histórico:

Ao que tudo indica, habitavam a região do Rio Caeteté (afluente do Tocantins). Retiraram-se da área e dividiram-se em grupos onde o menor deles seguiu para a região do Bacajá (mais ou menos 1930), outros seguiram para o Gorotire no Rio Fresco e ainda alguns voltaram para a região do Caeteté.

Foi devido a vários ataques de represália por brancos, durante os anos de 1930, onde morreram mais de 180 índios, que os obrigou a dividirem-se em grupos.

As casas dos Xicrin são próximas do igarapé ou rio, porém em terrenos altos para se protegerem das enxurradas. O grau de contato é permanente.

A autodeterminação dos Xicrin é *mebênokre* (gente valente, verdadeira), nome comum a todos os Kayapó, ou ainda *Djôre-aramã*, mas nunca "Xicrin", pois falam que não existe este termo em sua língua, pois que foi lhes dado pelos "civilizados".

#### 1.4. Situação Econômica:

Está especificamente na agropecuária com uma quantidade relativa de gado, de abate e recria, consumo médio, comercialização.

#### 1.5. Situação Cultural-Religiosa:

Não foram encontradas informações a respeito.

#### 1.6. Situação Social:

Atualmente existe conflito na área, principalmente na aldeia Trincheira, devido ao garimpo do Manelão, porque os mesmos estão habitando uma área abaixo do garimpo, no Rio Bacajá.

Há presença de garimpeiros em grande número nas cabeceiras do Igarapé do Manelão. A comunidade reivindica uma re-demarcação, alegando que os castanhais e garimpo Manelão os tiraram fora da área.

Obs: Fonte consultada: Memorial Descritivo de Demarcação, 1973.



9 - KAYAPÓ

*Falbo  
descrever  
subgrupos  
Pala indigenas*

1.1. Caracterização Geral:

a) Área Indígena: Kayapó

b) Localização: Localizam-se no Rio Xingu, na margem esquerda, no município de São Félix do Xingu. Existem em número aproximado de 5 aldeias. A unidade da federação é o estado do Pará. O percurso é feito por via-aérea de Belém à cidade de Redenção, seguindo-se desta ao P.I. Gorotire via terrestre ou via-aérea. O acesso aos outros quatro postos indígenas se dá por via aérea seguindo de Redenção.

c) Extensão: 3.262.900 ha com perímetro de 1.015 km

d) Tronco Lingüístico: Jê (macro Jê)

e) Língua: Classificados na família lingüística Jê.

f) Demografia: Os Kayapó constituem-se numa população de aproximadamente 1481 índios, sendo que pela existência de grande número de subgrupos Kayapó, alguns ainda arredios, torna-se difícil a avaliação total de seu contingente.

1.2. Situação Fundiária:

Estando a área indígena devidamente delimitada e demarcada, prevê-se para o ano de 1987 o encerramento das atividades de regularização fundiária e conseqüente emancipação em 1988.

1.3. Histórico:

São também chamados Caiapó, Caiapós, Caroá, Curuá, Cayamó e Caiamó.

Podem ser estudados em duas principais divisões: os Kayapó meridionais e os Kayapó setentrionais. Os Kayapó meridionais são representados por diversos grupos, já extintos que habitavam o sul de Goiás, sul de Mato Grosso, norte de São Paulo e a zona do Triângulo Mineiro. Os Kayapó setentrionais, ainda relativamente numerosos, compreendem diversos grupos, alguns ainda hostis, que vivem no sul do Pará e norte do Mato Grosso e Goiás.

Os Gorotire constituem uma ramificação dos Kayapó setentrionais que, por sua vez, são integrantes do Jê do norte. Em conseqüência de lutas internas, em fins de 1936, separaram-se em duas frações: *Djudjé-tuk-ti* e *Kufén-kran-kegn*. Os primeiros permaneceram no antigo habitat nas proximidades da cachoeira da Fumaça, no Riozinho, afluente da margem esquerda do Rio Fresco, tributário direito do Xingu.

Os segundos, cerca de oitocentas pessoas, talvez à procura de aliança, no ano seguinte entraram em contato com os habitantes de Nova Olinda, pequena povoação do sul do Pará. Em 1947, apenas 89 sobreviveram à drástica redução, em consequência do comércio e contaminação com os regionais. Nesse ano foram transferidos pelo SPI do Sobreiro (lugar próximo a Nova Olinda) para os campos de Novo Horizonte, onde foi instalado o Posto Indígena. Neste local (Rio Fresco, Médio Xingu) estabeleceu-se também um representante da missão Cruzada de Evangelização Mundial. Aliás, tanto o órgão protecionista quanto a missão já atuavam junto a esses indígenas desde 1937 e 1938, respectivamente.

Obs: Os índios Kayapó-Gorotire foram pacificados em 1936 e vivem, em sua grande maioria, no posto Gorotire, situado às margens do Rio Fresco, afluente do Xingu, em contato permanente com os "civilizados".

*E o outro grupo?*

#### 1.4. Situação Econômica:

Os Kayapó não fazem qualquer tipo de cerâmica. Cultivam a mandioca, a castanha, o milho e a banana. Frutas silvestres como: manga, buriti, babaçu, mangaba, piqui, etc. Comem mel e rapadura. São exímios caçadores: veados, antas capivaras, tatus, caititus, emas e patos selvagens. Também pescam: pirarucu, tucunaré, tartaruga e tracajá.

A importância das crianças nas atividades econômicas é muitas vezes desprezada, mas elas caçam comida, pássaros e animais, carregam lenha, coletam frutas, ajudam a cozinhar e cuidam dos irmãos mais novos.

As mulheres carregam toda a carga apoiada na frente, trabalham na roça, etc. Os Kayapós do Posto Indígena Las Casas dispõem de criação de gado e os *Kubén-Kran-Kegn* já colhem castanha-do-pará plantadas por eles.

Os Kayapó situam suas aldeias em áreas de transição, a fim de que possam tirar vantagem de várias zonas ecológicas de subzonas. Quando em determinados tipos de solo, plantam determinados tipos de árvores, que servem para determinados tipos de animais para o próprio uso dos Kayapó.

A técnica de plantio é do tipo: "extensivo itinerante", mas plantam também em pomares dentro de aldeias.

Os Kayapó plantam nas trilhas que ligam as roças às aldeias, nos locais onde se encontram árvores caídas, no meio da mata onde derrubam um pau para tirar o mel e a cera de abelhas, em sítios em memória de parentes mortos e em "micro-ninhos especiais, tais como nas proximidades de rochas provenientes de basalto". (KERR, Warwick Estevam 1986:159. Ver também POSEY, 1986a). Segundo Kerr, "Os Kayapó plantam para assegurar sua subsistência, para banco de germoplasma para fins medicinais, práticas religiosas e para atrair a caça a

*E o garimpo*

determinados lagradouros. Transferem mudas da mata para as trilhas ou canteiros na roça".

Ainda segundo o referido autor, a batata-doce é o principal produto agrícola dos Kayapó, sendo que a mandioca vem ganhando terreno devido à produção de farinha para a venda. Quase todos os Kayapós observam o desenvolvimento da batata-doce, e depois que esta brota, planta-se o milho, depois o cará, a mandioca, a macacheira e o ariá. Sendo o milho um dos principais (mais importantes) vegetais cultivados pelos Kayapó.

Para os Kayapó iniciarem o plantio da batata-doce, escutam antes o canto de certo pássaro de uma espécie de cigarra e o florescimento do barbatimão. Atando fogo na roça depois de semeada, a fim de destruir os vírus e obter ramas isentas destes.

Segundo Kerr, "é uma técnica moderna submeter as batatas-doces a 48°C de calor durante 45 a 60 minutos". E foram também as covas com folhas de um arbusto para evitar pragas nas folhas e aumentar a produção.

No entanto, não é apenas a prática agrícola realizada pelos Kayapó, os Kayapó conhecem e plantam inúmeras espécies arbóreas. Segue-se um quadro feito por Darrell A. Posey e publicado na revista Ciência Hoje vol. 2, nº 12, maio e junho de 1984,

## ABELHAS CULTIVADAS PELOS KAYAPO

Designação Kayapó	Designação Científica	Uso da Cera <sup>1</sup>	Mel Período	Quantidade	Outros Usos <sup>2</sup>	Agressividade <sup>3</sup>	Traços Distintivos
Ingái-péré-y	<i>Apis mellifera</i>	U.C.	lo ano todo	muitíssimo	PoC	A	Mel coletado na lua nova
Ingái-hy-tyk-ti	<i>M. seminigra</i>	U.C.M.	lest. das secas	médio		B	Partes da abelha utilizadas na magia da caça
Ingái-kumrenx	<i>M. rufiventris</i>	U.C.M.	lo ano todo	médio			Cera usada para nekutón
Ingái-re	<i>M. compressipes</i>	U.C.M.	lo ano todo	muito			Possui marcas como as da anta
Ingái-kák-hy	<i>Partamona</i> sp.						Cera utilizada na magia para debilitar o inimigo
Imykrwát	<i>Frieseomelitta</i> sp.	U.C.M.	lo ano todo	médio	LC PC PoC		
Iudjy	<i>T. anthea</i>		lest. das secas	médio	IRU		Partes da abelha misturada ao urucum na magia da caça
Ikukraire	<i>T. dallatorreana</i>		lo ano todo	muito	PoC	C	Quebra-se a orla da colmeia e expõe-se as abelhas
Imehnórà-kamrek	<i>T. cilipes</i>	M.	lo ano todo	pouco	IRU		Possui olhos miúdos como os da onça
Imehnórà-tyk	<i>Scaura longula</i>	M.	lo ano todo	pouco	IRU		Usada na magia da caça à onça
Ikangàrà-krá-kamrek	<i>O. tataira</i>	U.C.M.	lo ano todo	médio	LC PC PoC	A	Árvore derrubada por inteiro para a retirada do mel
Ikangàrà-krá-tyk	<i>Oxytrigona</i> sp.	U.C.M.	lo ano todo	médio	LC PC PoC	B	Abelha que causa bolhas na pele
Ikangàrà-udja-ti	<i>Oxytrigona</i> sp.	U.C.M.	lo ano todo	médio	LC PC PoC	A	Abelhas utilizadas na magia da caça
Ikangàrà-ti	<i>Oxytrigona</i> sp.	U.C.M.	lo ano todo	médio	LC PC PoC	A	Cera usada para nekutón
Ioyre	<i>T. pallens</i>	U.C.M.	lo ano todo	médio		C	Às vezes derruba-se a árvore
Ingói-ténk	<i>Trigona</i> sp.	C.	lo ano todo	médio			Vive em ninhos de cupia
Idjò	<i>T. fascipennis</i>	U.C.M.	lo ano todo	pouco			Vive em montículos de cupia
Iiaré-ti-re	<i>T. chanchamozensis</i>		lo ano todo	pouco	LC PC PoC		Vive em ninhos de formigas
Ikukolre-ká	<i>Partamona</i> sp.		lo ano todo	médio		C	Colméias em ninhos de cupia
Id'i	<i>Tetragona</i> sp.		lest. das secas	pouco			Mel muito ácido; a árvore é derrubada
Itón-my	<i>Tetragona dorsalis</i>	U.C.M.	lest. das secas	médio			Derrubada da árvore para se retirar o mel
Iri	<i>Tetragona</i> sp.	U.C.M.	lo ano todo	muito	IRU		Abelha tida como "estúpida" e fraca
Imehr-xi-we'i	<i>Tetragona goettei</i>	U.C.M.					Encontrada somente no Xingu
Imènire-udgá	<i>T. quadrangula</i>	U.C.M.	lo ano todo	médio			Abertura da colmeia semelhante à da vagina
Imehnódjành	<i>F. varia</i>		lest. das águas	pouco	IRU		Fumaça da cera usada na cura
Imehnykamrek	<i>T. spinipes</i>	U.C.M.	lest. das secas	pouco	LC PC PoC	C	Cera queimada; a fumaça causa vertigem
Imehny-tyk	<i>T. branneri</i>	U.C.M.	lest. das secas	pouco		C	
Ipyka-kam	<i>T. fulviventris</i>	U.C.M.	lest. das secas	pouco	IRU	C	Abelha que deposita gotas de resina na pele

<sup>1</sup> Uso da cera: U = utilitário; C = cerimonial; M = medicinal.

<sup>2</sup> Outros usos: LC = larvas comidas; PC = pupas comidas; PoC = pólen comido; RU = resina usada.

<sup>3</sup> Agressividade: A = muito agressivas; B = moderadamente agressivas; C = ligeiramente agressivas.

### 1.5. Situação Cultural:

Não fazem tatuagem, mas se pintam com jenipapo e urucu para se protegerem do piú e mosquito. As crianças são ornamentadas até mais de três anos. Perfuram o lábio inferior desde pequenos, e o lóbulo da orelha também. As crianças são carregadas a tiracolo numa faixa de palha de buritizeiro.

O mel é considerado quase sagrado e serve como alimento para *Bep-Korôô-ti*, o maior herói mitológico, um poderoso feiticeiro que mora nas nuvens. Ele manda relâmpagos e vento para quebrar os galhos e arrancar as árvores a fim de conseguir mel. Os marimbondos têm igualmente significado especial, assim como o besouro.

Segundo Posey, 1983:882, "a análise dos mitos, se adequadamente decodificados - pode fornecer informações sobre as relações ecossistêmicas e a acuidade do conhecimento ecológico dos índios". Exemplo: rituais do milho. "O mito começa a tomar sentido quando se entende o complexo evolutivo do milho, feijões, mandioca e a formiga.

Terence Turner (1966:79/80), afirma que a cultura Kaiapó, devido à sua organização social dividida em metades, grupos de idade, não pode funcionar sem uma massa crítica que esse autor calcula em oitenta indivíduos.

O parto é assistido por uma outra mulher Kayapó, exceto no posto indígena Gorotire, onde há uma enfermeira residente. A mulher Kayapó não menstrua, talvez por ingerir constantemente ervas amargas, e algumas raspam os cabelos da frente em uma larga meia-lua.

### 1.6. Situação Social:

Vivem organizados em família e casam-se muito cedo, antes ou logo após a puberdade. A habitação é feita com palhas de coqueiro e dormem em camas de palha. Não possuem doenças venéreas, a não ser quando pegam dos "civilizados". Andam na maioria das vezes, fumam desde muito jovens. Não tem hábito de tomar bebidas alcoólicas. Andam a pé, descalços, sendo que a canoa é o único meio de transporte. São bons remadores, pescadores e caçadores.

Usam estojo peniano feito com a palha do buriti ou do inajá.

Existe flexibilidade no comportamento entre os sexos. Várias uniões conjugais e extra-conjugais, ocasião em que pode ocorrer briga com o rival ou um acordo para troca de esposas e marido. As mulheres não escondem a relação extra-conjugal de seus maridos, com estes ocorre o inverso.

A organização social é dividida em metades, grupo de idade, etc. A residência pós-marital é na casa dos pais da mulher, de modo permanente. São proibidos os casamentos entre parentes cognatos e afins, o indivíduo pode ter até doze nomes.

A chefia de cada grupo local é dupla, onde cada um dos chefes (*men ben iadiúru*) dirige uma "turma" (*men opein*) de homens casados e solteiros, sendo que estas "turmas" têm funções predominantemente "econômicas".

As separações de cônjuges são frequentes, principalmente para aqueles casais que não se uniram de acordo com o ritual de casamento do grupo. As causas são: a falta de filho, preguiça de um dos cônjuges ou infidelidade.

#### IV - CONCLUSÃO

Acha-se por bem abordar neste item algumas questões que dificultaram a realização do trabalho. São elas, na maioria das vezes, resultantes da precariedade dos centros consultados, que dispõem de poucas obras sobre os assuntos, ou quando a obra existente nem sempre está disponível.

Por outro lado, se torna impossível, devido ao impasse burocrático, a realização de viagens para consultas em centros fora da cidade que se constituem grandes acervos culturais, por exemplo, o Museu do Índio, FUNAI - Brasília.

Acrescente-se ainda a pouca disponibilidade de livrarias especializadas no assunto, ou mesmo que tenham em seu poder obras abordando o tema.

Vale ressaltar que este levantamento bibliográfico não pode ser considerado completo, mesmo porque o acesso a grandes centros culturais especializados não nos foi possível. Para atender às reais necessidades do projeto se faz necessária uma complementação deste levantamento nestes centros e obter maiores dados das obras já existentes.

Os dados obtidos pelo levantamento bibliográfico foram digitados no computador através do processador de textos WORD, que poderá ser modificado ou acrescentado de acordo com a obtenção de novas informações.

APENDICE I

Portarias da FUNAI

- 00.1 - FUNAI. Projetos de identificação e delimitação, demarcação da área indígena Apiterewa. Superintendência Executiva Regional - 4ª Região/Belém (PA), 1986.
- 001.1.1 - FUNAI. Projeto para reavimentação e regularização fundiária da área indígena Parakanã. Superintendência Executiva Regional - 4ª Região/Belém (PA), 1986.
- 001.1.2 - FUNAI. Boletim informativo. "Parakanan Barbados". Ano II - nº 7 - II Trimestre - 73.
- 001.2 - FUNAI. "Memorial descritivo de demarcação da área indígena Bacajá". Altamira. 20/11/86
- 001.2.1 - FUNAI. "Projeto de reavimentação e regularização da área indígena Bacajá." Superintendência Executiva Regional - 4ª Região/Belém (PA).
- 001.3 - FUNAI. "Decreto nº 68.914, de 13 de julho de 1971. Cria a reserva indígena Kararaó, situada no município de Altamira, estado do Pará. Superintendência Executiva Regional - 4ª Região Belém (PA), 1971.
- 001.3.1 - FUNAI. "Projeto de demarcação e regularização fundiária da área indígena Kararaó. Superintendência Executiva Regional - 4ª Região Belém (PA).
- 001.4 - FUNAI. "Projeto de reavimentação dos limites e regularização fundiária da área indígena Paquiçamba." Superintendência Executiva Regional 4ª região/Belém (PA), 1986.
- 001.4.1 - FUNAI. "Memorial descritivo de delimitação da área indígena Pakisamba", 1984.
- 001.4.2 - FUNAI. "Memorial descritivo de delimitação da área indígena Pakisamba", 1986.
- 001.4.3 - FUNAI. "Relatório sobre a identificação da área ocupada pelos Juruna, localizados as margens do Rio Xingu, no município de Senador José Porfírio (Pará), 1982."
- 001.5 - FUNAI. "Memorial descritivo de delimitação da área indígena Koatinemo", 1976.
- 001.5.1 - FUNAI. "Projetos de demarcação e regularização fundiária da área indígena Koatinemo", 1986.
- 001.5.2 - FUNAI. "Boletim Informativo." Primeiros contatos com os Assurini do Xingu. Ano I nº 2 - I Trimestre de 72.



- 001.6 - FUNAI. "Projeto de demarcação e regularização fundiária da área indígena Arara II ou Norte." Superintendência Executiva Regional - 4ª Região/Belém (PA), 1986.
- 001.8 - FUNAI. "Projeto de demarcação e regularização fundiária da área indígena Curuá." Superintendência Executiva Regional - 4ª região/Belém (PA), 1986.
- 001.8.1 - FUNAI. "Relatório sobre o levantamento da área indígena Curuá." 1985.
- 001.8.2 - FUNAI. "Memorial descritivo de delimitação da área indígena Curuá." 1985.
- 001.9 - FUNAI. "Projeto de regularização fundiária da área Kayapó." Superintendência Executiva Regional - 4ª Região/Belém (PA), 1986.
- 001.9.1 - FUNAI, SIL (Arquivos) Thomson, Ruth, 1976. Cinco Textos Kayapó. Arquivo Lingüístico nº 060, Brasília DF, SIL.
- 001.9.2 - FUNAI, SIL (Arquivos/Textos) Stout, Mickey, 1975. Ku-Verb Phenomena in Kayapó. Arquivo Lingüístico nº 125, Brasília, DF. SIL.
- 001.9.3 - FUNAI, SIL (Arquivos/Textos) Jefferson, Kathleen, 1974. Semantic Clause Analysis in forus for learning Kayapó. Arquivo Lingüístico nº 061, Brasília, DF. SIL.
- 001.9.4 - FUNAI, SIL (Arquivos/Textos) Thomson, Ruth, 1974. Contrafactuals in Kayapó. Arquivo Lingüístico nº 059, Brasília, DF. SIL.
- 001.10 - FUNAI. "Projeto de demarcação e regularização fundiária da área indígena Baú." Superintendência Executiva regional 4ª Região/Belém (PA), 1986.
- 001.12 - FUNAI. "Projeto de delimitação, demarcação e regularização fundiária da área indígena Arara I ou Arara Sul." Superintendência Executiva regional 4ª Região/Belém (PA), 1986
- 001.12.1 - FUNAI. "Memorial descritivo de delimitação da área indígena Arara I." 1973.

APENDICE 2

CICLO ANUAL ARAWETE

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Regime de águas	chuvas fortes, águas altas			chuvas esparsas, baixas as águas			seca, temporais ocasionais		rio no nível mais baixo		primeiras chuvas	
	-----MATA-----			-----ALDEIA-----						-----MATA-----		
	dispersão -----> concentração ----->			ciclos curtos de dispersão, aumentando ----->						dispersão ----->		
	mata --> aldeia			roça --> aldeia		mata --> aldeia		aldeia --> roça		aldeia --> mata		
Atividades econômicas, alimentação	caça, coleta		colheita do milho		processamento milho maduro			DERRUBADA		QUEIMA		PLANTIO
					armazenagem do milho em jiraus			coleta do açai, mel		processamento mandioca		caça, coleta
								colheita do algodão		pescaria com timbó		
	jaboti, mel, castanha, bacaba, cupuaçu		mingau de milho		----- farinha mepi -----					farinha de mandioca		
	jabotis		tatus		tatus, mutuns, porcos, jabotis					jabotis, guaribas		
					----- cauim alcoólico -----							
Atividades cerimoniais	----- PEYO -----			----- BOKI -----						----- PEYO -----		
				caçadas do cauim alcoólico						dispersão do mel e do açai, pesca		
	(opirahé)			----- OPIRAHE -----								

Quadro extraído de CASTRO, E.B.V. de. "Araweté: os deuses canibais". p. 271, 1986.

APENDICE 3

Espécies de árvores plantadas pelos Kayapó

Nome Científico	Nome em português	Nome Kayapó	Usos
			Alia. Variad.
<i>Alibertia edulis</i> A. Rich.	larmelada	l motu	x ic
<i>Alibertia</i> sp.	larmelada-do-campo	lroi-krãti	x ic
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	laraticum	longrê	x
<i>Artocarpus integrifolia</i> L. F.	l jaca	l jacá	x
<i>Astrocaryum tucuma</i> Mart.	l tucumã	lroi-ti (mrã)	x sa
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	l tucum ou cumari	l moti	x ol
<i>Bertholletia excelsa</i> Humb. & Bonpl.	l castanha-do-pará	lpi'y	x
<i>Bixa orellana</i> L.	l urucu (3 varied.)	lpy kumrenx lpy poi ti lpy krã re	pc
<i>Byrsonima crassiflora</i> H. B. K.	l murici	l kutenk	x
<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers.	l piqui (3 varied.)	lprã kã ti lprã krã ti lprã kumrenx	x ic x
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	l laranja	lpidgõ ngrã ngrã	x
<i>Citrus aurantium</i> L.	l laranja-da-terra	lpidgõ ti	x
<i>Citrus limonia</i> Osbeck.	l limão	lpidgõ poi re	x
<i>Coffea arabica</i>	l café	l kapé	x
<i>Cordia</i> sp.	l "cereja Kayapó"	l kudjá redjõ	x ic
<i>Endopleura uchi</i>	l luxi	l krenp	x
<i>Eugenia jambus</i> L.	l jambo	lpidjõ nore	x ic
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	l açai	l kamere kãk	x ic
<i>Genipa americana</i> L.	l jenipapo	l moti, motire	x pc
<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	l mangaba	lpi-õ-tire	x
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	l jatobá	l moi (motx)	x ic
<i>Inga</i> sp.	l ingá (6 varied.)	l kohnjõ-kõ, jaka, l kryre, poire, l tire, tyk, l ingrãngrã	x ic
<i>Lecythis usitata</i> Ledoux	l sapucaia	l kromu	x
<i>Lecythis usitata</i> Miers, l var. <i>paraensis</i> (Ducke) Knuth	l sapucaia	lpi'y tã krã ti	x
<i>Mangifera indica</i> L.	l manga	l kuben poi re	x
<i>Manilkara huberi</i> (Ducke) Stand.	l açaranduba	l krwya no kamrek	ic ip
<i>Mauritia martiana</i> Spruce	l buritirana	l ingrwa rãre	x
<i>Mauritia vinifera</i> Mart.	l buriti	l ingrwa	x
<i>Maximiliana regia</i> Mart.	l inajá	l rikre	x sa
<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	l bacaba	l kamere	x ic
<i>Orbignia martiana</i>	l babaçu	l rã	x sa ol
<i>Orbignia piassaba</i>	l piaçaba	l ingrã djãre	x
<i>Parinari montana</i> Aubl.	l pariri	l kamõ	x ic
<i>Persea americana</i> Mill.	l abacate	l kaprã	x
<i>Platonia insignis</i> Mart.	l bacuri	l pã panhã ka tire	x ic
<i>Pourouma cecropiaefolia</i> Mart.	limbaúba	l atwya krã krã	x ic
<i>Pouteria macrophylla</i> (Lam.) Eyma	l tuturubã	l kamokõ	x ic

Obs: Continua na página seguinte

Continuação da página anterior

Nome Científico	Nome em português	Nome Kayapó	Usos
			Alim. Variad.
<i>Psidium guayava</i> L.	goiaba	ipidjô kamrek	x
<i>Ravenala guyanensis</i>	ibanana-brava	itytyti djô	x
<i>Rollinia mucosa</i> Ball.	biribá	ibiri	x
<i>Solanum paniculatum</i> (L.)	jurubêpa	miêchet ti	x
<i>Spondias lutea</i> L.	cajá		x
<i>Spondias lutea</i> L. (S. Mosbim L.)	itaperebá	ibârerê-krâ-krirê	x
<i>Theobroma cacao</i> L.	icacau	ikubep krâ ti	x ip
<i>Theobroma grandiflorum</i> K. Schum.	icupuaga	ibâri-djô	x

\*"As identificações se baseiam em *Frutas cosméticas*, de Paulo Cavalcante, vols. 1, 2 e 3 (Belém, publicações avulsas do Museu Emílio Goeldi, 1972, 1974 e 1979), a partir de comparações com nomes comuns correntes na região".

Convenções usadas : sa, sal; ol, óleo; pc, pintura corporal; ic, isca/caça; ip, isca/pesca.

Tabela extraída de FOSEY, D.A. "Os Kayapó e a natureza". *Ciência Hoje*, vol. 2 nº 12pp. 35-41 (p. 39). 1984.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA - GRUPOS

Arara

COUDREAU, Henri. "Viagem ao Xingu". Trad. de Eugênio Amado. Ed. USP, São Paulo, 165 p., 1977.

KRAUETNER, M. Eurico. "O Xingu - Encanto ou Terror?", Imprimatur, pp. 41-42, Belém, Pará, 1953.

Assurini

Boletim Informativo da FUNAI - Ano I nº 2 - 1972.

Memorial Descritivo de Delimitação - Area Indígena Koatinemo.

MULLER, Regina. "Assurini, intimidade com o sobrenatural". In: Revista de Atualidade Indígena. Brasília, 19, 10 p. 1979.

MULLER, Regina. "Os últimos Tupi da Amazônia". Revista Geográfica Universal, Rio de Janeiro, Block Editores, nº 71, 1980.

MULLER, Regina Aparecida Polo. "O projeto de recuperação dos Assurini do Koatinemo". Bol. Cepam, Brasília, DF, (1):6-7, 1982.

Projeto de Demarcação e Regularização Fundiária da Area Indígena Koatinemo - FUNAI.

Curuaya - Xipaia

CARVALHO, José C.M. et al. "Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu, por José C.M. Carvalho, Pedro E. de Lima e Eduardo Galvão". In: Publicações Avulsas do Museu Nacional. n. 5. Rio de Janeiro, 48 p. 1949.

EBNER, Carlos Borromen, Padre. "Xingutânia: Índios e histórias do Xingu". Sep: Anais Missionário do Preciosíssimo Sangue. Belém, s.e., 23 p. 1950.

KRAUETNER, Eurico. "O Xingu. Encanto ou Terror?". Notas sobre costumes, crenças, dados etnográficos, lendas e linguagem das tribos, com subsídios para a história dos Índios do Xingu. Belém, São José, 55 p. 1953.

Memorial Descritivo de Delimitação - Area Indígena Curuá - 1985.

NIMUENDAJU, Curt. "Bruchstücke aus religion und Überlieferung der Xipaia - Indianer". Sep: Antrops, Wien, 14/15:1002-39 1919-20. Sep: Antrops, Wien, 16/17:367-406, 1921-22.

Projeto de demarcação e regularização fundiária da área indígena Curuá.

Relatório sobre a eleição da área indígena Curuá.

SNETHLAGE, Emilie. "Die indianerstämme am mittle reu Xingu. Im besonderen die Chipaya und Curuaya". Sep: Zeitschrift für Ethnologie, Berlin, 21 (4-5):395-427, 1920.

### Juruna

Boletim FUNAI I

Boletim informativo CNEC.

CNEC

FUNAI. "Relatório sobre a identificação da área ocupada pelos Juruna, localizados às margens do rio Xingu, no município de Senador José Porfírio. Pará".

MPEG

OLIVEIRA, Adélia E. de. "A cerâmica dos índios Juruna (rio Xingu)". Boletim MPEG, Nova Série - Antropologia, nº 41, Belém, 1969. 19 p.

----- "Os índios Juruna do Alto Xingu". s.e. Rio Claro, São Paulo, 342 p. 1969.

----- "Os índios Juruna e sua cultura nos dias atuais". In: Boletim do MPEG, n.s. Antropologia. Belém, 35, 1968.

----- "Parentesco Juruna". n.s. Antropologia, 45, 1970.

ZARUR, George de C. Leite. "Parentesco, ritual e economia no Alto Xingu". FUNAI, Brasília, 1975.

### Parakanã

ARNAUD, Expedito. "Grupos Tupi do Tocantins". In: Simpósio sobre a Bacia Amazônica. Belém, 6-11, jun. 1966. Atas. Rio de Janeiro, CNPq, 1967. V. 2 antropologia. pp. 57-68.

FUNAI. "Parakanã mostram a sertanistas os costumes de sua tribo". In: Informativo FUNAI, Brasília, 1 (4):56-61, 1972, 11.

FUNAI. "Contato com novos grupos indígenas da Transamazônica". In: Informativo FUNAI, Brasília, 2 (7):39-40, 1973.

FUNAI. Portaria do Presidente nº 3632/87, Brasília, 6 de nov. de 1987.

MAGALHAES, Antonio Carlos. "Levantamento da situação atual dos índios Parakanã; Reserva indígena Parakanã; Recomendações iniciais frente ao projeto Carajás". Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 5-14, 26-40, 1983.

SILVA, Orlando Sampaio. "Casamento e residência entre os índios Parakanan do Igarapé Lontra". s. n. t.

VIEIRA Filho, João Paulo Botelho et al. "Dosagem da testosterona, do sulfato de deidroepiandrosterona, da triiodotironina e da tiroxina pelo radioimunoensaio, da retenção da triiodotironina entre os silvícolas Parakanãs". Sep: Rev. Ass. Med. 26 (6):205-8, jun/1980.

#### Kaiapó

ALBUMIN, Yanomama. "A private polymorphism of serum albumin". Ann. Hum. Genet. Bound., 38:179, 1974.

DINIZ, Edson Soares. "Relações interindividuais entre os Kayapó-Gorotire". In: Revista do Museu Paulista, São Paulo, 23:85-108, 1976.

POSEY, Darrell A. "O conhecimento entomológico Kayapó: etnometodologia e sistema cultural". Anuário Antropológico. Brasília, Universidade de Brasília, 1982a.

POSEY, Darrell A. "Time, space and the interface of divergent cultures: The Kayapó Indians of Brazil face the future". Sep: Rev. Anthropol., S. L., 25:89-104. 1982b.

POSEY, Darrell A. "Conhecimento indígena sobre ecologia: um novo caminho para o futuro?". Ciência e Cultura, vol. 35, nº 7, julho de 1983.

POSEY, Darrell A. "Os Kayapó e a natureza". Ciência Hoje, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 12, pp. 35-41, 1984.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. "Parentesco, ritual e economia no Alto Xingu". Brasília, FUNAI, 1975. 104 p.

#### Kararaó

FUNAI. "Contato com novos grupos indígenas da Transamazônica". In: Informativo FUNAI, Brasília, 2 (7):40, 1973.

#### Xicrin

FRIKEL, Protásio. "Notas sobre a situação atual dos índios Xicrin do Rio Caeteté". Sep. Rev. Mus. Paulista. São Paulo (14):145-58, 1963.

FRIKEL, P. "Os Xicrin. Equipamentos e técnicas de subsistência". In: Public. Avulsas. MPEG, Belém, 7. 119 p. 1968.

VIEIRA Filho, João Paulo Botelho. "Os dermatóglifos palmares situando os índios brasileiros Xicrins no contexto mundial". Tese de Doutorado apresentada à Escola Paulista de Medicina. São Paulo. s.e., 69-75, 1969.

VIEIRA Filho, João Paulo B. "Considerações a respeito da inexistência de bócio entre os indígenas brasileiros Xicrin". Sep. Revista da Associação Médica Brasileira, Rio de Janeiro, 18 (9): 345-348, 1972a.

VIEIRA Filho, João Paulo Botelho. "Novas contribuições aos estudos palmares dos Xicrins". Sep: Rev. da Associação Médica Brasileira, Rio de Janeiro, 18 (7): 255-58, 1972b.

*É o livro de X? "Muito o uso de  
uma unidade indígena"*



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA - AUTOR

- ADALBERT, H. W., Príncipe da Prússia. "Travels of his highness, Prince Adalbert of Prussia in South Europe and in the Brazil, with a voyage up the Amazon, and its tributary the Xingu, now first explored". Transl. by Sir Robert H. Schomburgk and John Edward Taylor. Introduction by A. Von Humboldt. 2 v., London, 1849.
- ADALBERT, H. W., Príncipe da Prússia. "Brasil, Amazonas - Xingu". Belo Horizonte, Itatiaia, Coleção Reconquista do Brasil, 234 p., il., 1977.
- ADONIAS, Isa. "A cartografia da região amazônica". Catálogo descritivo (1500-1961), Rio de Janeiro, INFA, 2 vols., vol. 2, 1963.
- AGOSTINHO, Pedro. "KWARIP - Mito e ritual no Alto Xingu". Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- ALBUMIN, Yanomama. "A private polymorphism of serum albumin". Ann. Hum. Genet. Boud., 38:179, 1974.
- ALVES, Raimundo. "Grupos Tupi do Tocantins". In: Simpósio sobre a Bacia Amazônica, Belém, 1966. Atas, Rio de Janeiro, CNPq, vol. 2, Antropologia, p. 57-68, 1967.
- ALVES, Raimundo. "Relatório da frente de atração do igarapé Ipixuna, 10 de dezembro de 1973". Altamira, 5 p., s.e., 1973.
- ANDRADE, Lucia H.M. de. "Xamanismo e cosmologia Assurini: algumas considerações iniciais". Revista de Antropologia, São Paulo, v. 27, p. 115, 1984.
- ARNAUD, Expedito. "Breve informação sobre os índios Assurini e Parakanã, rio Tocantins, Pará". In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 11, Antropologia, 22 p., julho de 1961.
- ARNAUD, Expedito. "Grupos Tupi do Tocantins". In: Simpósio sobre a Biotica Amazônica. Belém, 6-11 jun. 1966. Atas. Rio de Janeiro, CNPq, V. 2 antropologia. pp. 57-68, 1967.
- ARNAUD, Expedito. "A ação indigenista no sul do Pará (1940-1970)". In: Boletim do MPEG, Nova Série Antropologia, nº 49, 25 p., 1972.
- ARNAUD, Expedito & ALVES, Ana Rita. "A extinção dos índios Kararaó (Kayapó) Baixo Xingu, Pará". In: Boletim do MPEG, Nova Série, Antropologia, nº 53, 19 p. jun/1974.
- ARNAUD, Expedito. "Notícias sobre os índios Araweté, rio Xingu". Belém, PA, 20 p., dez/1978.
- ARNAUD, Expedito. "Mudanças entre grupos indígenas Tupi da região do Tocantins - Xingu (Bacia Amazônica)". Boletim do MPEG, Série Antropologia, nº 81, abril de 1983.

- AYRES, M. & SALZANO, F.M. "Health status of Brazilian Kayapó Indians".  
Sep Tropical and Geographical Medicine. Netherlands. 24:178-185,  
1972.
- AZEVEDO, Aline Da Rin Paranhos de. "Amazon research newsletter - Amazon  
research and training program news". Museu Paraense Emílio Goeldi,  
pp. 1-18, Belém, Pará, 1985.
- BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. "Compêndio das áreas da província do  
Pará". Universidade Federal do Pará, Coleção Amazônia, Série José  
Veríssimo, 395 p., 1979.
- BALDUINO, Dom T. "Anotações sobre as atitudes missionárias junto aos  
Tapinaré, Assurini, grupos Kayapó, no período de 8 a 23 de agosto  
de 1984". Goiás, 7 p., setembro de 1984.
- BAMBERGER, Joan. "Kayapó age grades: a case of political development  
in Central Brazil". pp. 2-8, 1976.
- BANNER, Horace. "Mitos dos Índios Kayapó". In: Rev. de Antropologia,  
São Paulo, 5 (1):37-66, 1957.
- BANNER, Horace. "O Índio Kayapó em seu acampamento". In: Bol. do MPEG.  
Belém, Pará, N. Série Ant., 13:151, 1961.
- BARAZZI, Roberto G. "Levantamento das condições de saúde das tribos  
indígenas no Alto Xingu, aplicação de medidas médicas profiláticas  
para sua preservação". São Paulo, Dep. e Instituto de Medicina  
Preventiva, 1970a.
- BARAZZI, Roberto G. "Contribution to the *Toxoplasma mosis* epidemiology.  
Serologic Survey among the Indians of the Upper Xingu river Central  
Brazil". Rev. Lus. Med. Trop. São Paulo, 12:93, 1970b.
- BELLIZZI, Ataliba Macieira. "Pesquisas antropométricas nos Índios  
Mawé, Karajá e Kayapó". Tese apresentada à Escola de Medicina e  
Cirurgia do Rio de Janeiro para concorrer a Docente-Livre da  
Cadeira de Anatomia. R. J., SEDEGRA, 1958.
- BELTRAO, Luis. "O Índio, um mito brasileiro". Vozes, Rio de Janeiro,  
1977.
- BORROMEU, Carlos. "Antigas aldeias no rio Xingu" Ed. do Pará (Cartas  
históricas do Xingu, 3), 1940.
- BUARQUE, Manoel. "Recordação do Xingu". Belém, Suisso, 1940.
- CAMARGO, João M.F. "Biogeografia da Amazônia". Jornal O Estado De São  
Paulo, 18 (4) pp. 15-16, 1980.
- CAMARGO, J.M.F. & POSEY, D.A. "Notas adicionais sobre o conhecimento  
de Meliponinae pelos Índios Kayapó". Rev. Bras. Zoologia, 1984.

- CARVALHO, João Evangelista. "Diário da frente de atração do Ipixuna". 27 de julho de 1976 a 6 julho de 1977. s.e.
- CARVALHO, José C.M. et al. "Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu, por José C.M. Carvalho, Pedro E. do Lima e Eduardo Galvão". In: Publicações Avulsas do Museu Nacional. n. 5. Rio de Janeiro, 48 p. 1949.
- CARVALHO, José C.M. "Relações entre os índios do Alto Xingu e a fauna regional". Publicações Avulsas do Museu Nacional, 1951.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. "A morte e o destino da alma entre os Araweté". Revista de Antropologia, São Paulo, v. 27/28, pp. 55, 1984/85a.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. "Proposta para o II encontro Tupi". Revista de Antropologia, São Paulo, v. 27/28, 1984/85b.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. "Araweté: os deuses canibais". Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor LTDA. 744 p., 1986.
- CAVALCANTE, Paulo B. "Frutas comestíveis da Amazônia". Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, 1976.
- CEDI. Centro Ecumênico de Doc. e Informação. "Povos indígenas do Brasil (coord. C. A. Ricardo)". Coleção em 18 volumes publicados, 3, 5 e 8.
- CHAPELLE, Richard. "Os índios Cintas-Largas". Tradução de David Jardim Júnior. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte; Ed. USP, São Paulo, 138 p., 1982.
- CHATEAUBRIAND, F. "A pacificação dos Juruna". O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 26(26) pp. 54-5, 68, 80, 82, 1954.
- CIMI. "História dos povos indígenas: 500 anos de luta no Brasil". Ed. Vozes, Conselho Indígena Missionário, Petrópolis, RJ, 167 p., 1986.
- CONSTANS, J. & SALZANO, F.M. "Gc and transferrin Isoelectrofocusing sub types among Brazilian Indians". Sep Journal of Human Evolution, London 9:489-94 abr/jun, 1980.
- COSTA, M.H. Fénelon. "Dois estilos plumários: Barroco e Clássico no Xingu". In: Rev. do Museu Paulista, n.6. São Paulo, 18:122-143, pp. 572-577, 1968/69.
- COUDREAU, Henri. "Viagem ao Xingu". Trad. de Eugênio Amado. Ed. USP, São Paulo, 165 p., 1977.
- CUNHA, Alves Câmara. "Entre os índios do Xingu. A verdadeira história da Diacuf". São Paulo, Liv. Exposição do Livro, 1295 p., 1960.

- DALLARI, Dalmo de Abreu; CUNHA, Manuela C. da & VIDAL, Lux. "A questão da terra". Cadernos da Comissão Pró-Índio nº 2, Global Editora, 184 p., 1981.
- DINIZ, Edson Soares. "Os Kayapó-Gorotire; aspectos socio-culturais do momento atual". Bol. Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 18, 1962.
- DINIZ, Edson Soares. "Relações interindividuais entre os Kayapó-Gorotire". In: Revista do Museu Paulista, São Paulo, 23:85-108, 1976.
- DREYFUS, Simone. "Les Kayapó du nord. état. de Pará-Brésil. Contribution à l'étude des indiens Gê". Paris, La Haye, Mouton & O. 213 p. Ilust. 24 cm., 1963.
- EBNER, Carlos Borromen, Padre. "Xingutânia: índios e histórias do Xingu". Sep: Anais Missionário do Preciosíssimo Sangue. Belém, s.e., 23 p. 1950.
- ECOLE DES HAUTES ETUDES EN SCIENCES SOCIALES. "Enquêtê ethnographique chez les Kayapó-Mekragnoti: contribution à l'étude de la dynamique des groupes locaux (Seissibus - et regroupements)". Paris, S. 1, s. ed., 1978.
- ELIZABETSKY, Elaine & POSEY, D.A. "Etnofarmacologia dos índios Kayapó do Gorotire". Rev. Bras. Zoologia, no prelo, 1984.
- EMMERICH, Margarete & SENA, Luci Mendonça de. "Estudos de etnobotânica no parque indígena do Xingu. Uma Periandra (leguminosa) nova". Nova Série, Rio de Janeiro, 1-3 mar, 1980.
- FAINBERG, Leo. "Überlebsel der matrilinearen Geus bei den indianern am oberen Xingu". In: Volkerkundliche Abhandlungen, Hannover, 1: 77, 1964.
- FARIA, Gustavo de. "A verdade sobre o índio brasileiro". Guavira Editores, Rio de Janeiro, 1981.
- FERNANDES, Florestan. "Organização social dos Tupinambá". São Paulo, Difusão Europeia do Livro, Série Corpo e Alma do Brasil, 355 p., 1963.
- FERREIRA, Jorge. "Os Xicrin". O Cruzeiro, Rio de Janeiro, julho de 1963.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. "Terras e índios do Alto Xingu". São Paulo, Melhoramentos, S.d.
- FONTES, Ofélia de Barros. "O índio brasileiro". Gráfica Editora Primor, Rio de Janeiro, 1976.
- FRIKEL, Protásio. "Notas sobre a situação atual dos índios Xicrin do rio Caeteté". Sep. Rev. Mus. Paulista. São Paulo (14):145-58, 1963.

- FRIKEL, P. "Os Xicrin. Equipamentos e técnicas de subsistência". In: Public. Avulsas. MPEG, Belém, 7. 119 p. 1968.
- FUERST, Reni. "La peinture collective des femmes Xicrin". In: Volkenkundliche Abh. 1; 117/130, Hannover. 1964
- FUNAI. "Parakanan mostram a sertanistas os costumes de sua tribo". In: Informativo FUNAI, Brasília, 1 (4):56-61, 1972, il.
- FUNAI. "Contato com novos grupos indígenas da Tranzamazônica". In: Informativo FUNAI, Brasília, 2 (7):39-40, 1973.
- FUNAI. "Txukaramãe: o reencontro no Xingu". In: Informativo FUNAI, Brasília, 3 (9/10):50-7, 1974.
- GALVAO, Eduardo. "O uso do propulsor entre as tribos do Alto Xingu". 1950.
- GALVAO, Eduardo. "Breve notícia sobre os índios Juruna". Sep. Revista do Museu Paulista, n.s. São Paulo, 6:468-476. 2 est. 1952.
- GALVAO, Eduardo. "Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Rio Xingu". In: Boletim do Museu Nacional, n.s. Antropologia, Rio de Janeiro, 14. 56 p. 1953.
- GALVAO, Eduardo. "Estudos sobre a aculturação dos grupos indígenas do Brasil". In: Revista de Antropologia, São Paulo, s (1), pp. 67-74, 1957.
- GALVAO, Eduardo. "Kulturwandel und Stammesüberleben am Oberem Xingu, Zentralbrasilien". In: Volkerkundliche Abhandlungen, Hannover, 1:131-151, 1964.
- GALVAO, Eduardo & SIMÕES, Mário F. "Notícia sobre os índios Txicão - Alto Xingu". In: Boletim do MPEG. N. Série. Antropologia, n. 24, 23 p. (XII pranchas). Fevereiro, 1965.
- GALVAO, Eduardo. "Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil". Coleção Estudos Brasileiros, Paz e Terra, Rio de Janeiro, p. 63, 1979.
- GROSS, Daniel; EITEN, George & FLOWERS, Nancy M. "Ecology and aculturation among native peoples of Central Brazil". Science, 206 (30) pp. 1043-1049, 1979.
- HARRISON, Carl. "Syntactical aspects of Assurini monologue discourse". Pennsylvania, Univ. of Pennsylvania, s.d.
- HARRISON, Carl H. "Pedagogical Information and Drills for the Asurini language". Brasília, Summer Institute of Linguistics, (Arquivo Lingüístico 010), 1962.
- HARRISON, Carl. "23 shorts texts Asurini". Brasília, DF, Summer Inst. of Ling., (Arquivo Lingüístico 009), 1963.

- HARRISON, Carl. "Grammetria Assurini". Série Lingüística, nº 4, Brasília, 1975.
- HARTMANN, Gunter. "Bei den me Kubenokré - Kaiapó, Brasilien. Ausden Tagebuchblaltern Wilhelm Kissenberths". Z. Ethnologic. Germany. 107 (1):153-62, 1982a.
- HARTMANN, Gunter. "Fischfest der Pau d'Arco - Kaiapó, Brasilien (Ngöre - Zeremonic) tribus". Stuttgart, (31):37-44, okt, 1982b.
- IMA, Pedro E. de. "Grupos sangüíneos índios do Xingu". J. Cuiabá no Med, Cuiabá, nº 36, agosto, 1981.
- INSTITUTO DE COOPERACION IBERO-AMERICANA. "Os Arara e a Hidrelétrica de Babaquara". Boletim del Seminario Español de Estudios Indigenistas. 3ª serie, nº 07, pp. 33, mayo, 1986.
- JANGOUX, Jacques. "Preliminary observations on shamanism, curing rituals and propitiatory ceremonies among the Assurini indian of middle Xingu - Brazil". Sep: Arq. Anat. Antrop. 3(3):13-76, 1978.
- JANGOUX, Jacques. "Matjuya: a menina Assurini". Revista de Atualidade Indígena, ano III, nº 16, Brasília, maio/junho de 1979.
- JEFFERSON, Kathleen. "Semantic clause analysis in focus for learning Kayapó". Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1974. 31 p. (Arquivo Lingüístico, 061).
- JENSEN, Allen A. "Sobre o uso de onomatopéia e ideofones na classificação de pássaros entre os índios Kayapó". pp. 2-20, nd.
- KERR, Warwick E.; CLEMENT, Charles & SILVA Filho, D.F. "Práticas de conseqüências genéticas que possibilitaram aos índios da Amazônia uma melhor adaptação às condições ecológicas da região". Acta Amazônica, vol. 10(2):251-261, 1980.
- KERR, Warwick E. & POSEY, Darrell A. "Informações adicionais sobre a agricultura dos Kayapó". Interciência 9(6):392-400, Caracas, 1984.
- KINDELL, Glória Elaine. "Educação indígena". Summer Institute of Linguistics, Brasília, DF, 1978.
- KRAUETHER, Eurico. "O Xingu. Encanto ou Terror?". Notas sobre costumes, crenças, dados etnográficos, lendas e linguagem das tribos, com subsídios para a história dos índios do Xingu. Belém, São José, 55 p. 1953.
- LARAIA, Roque de Barros. "Akuawa - Assurini e Suveri - análise de dois grupos Tupi". In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, nº 12, São Paulo, 1972a.
- LARAIA, Roque de Barros. "Organização social dos Tupi contemporâneos". Dissertação de Doutorado, USP, São Paulo, 1972b.

- LARAIA, Roque de Barros. "Uma etno-história Tupi". Revista de Antropologia, São Paulo, v. 27/28, p. 25-32, 1984/85.
- LIMA, Pedro E. de. "Grupos sanguíneos dos índios do Xingu". In: Bol. Museu Nacional, Nova Série Antropologia, Rio de Janeiro, 11, 1950.
- LIZOT, J. "Population, resources and warfare among the yanomami man". 5 (12) pp. 197-517, 1977.
- LUKESCH, Anton. "Über das Sterben bei den Nordlichen Kayapó-Indianern". Sep. Anthropos, Switzerland, 51:967-984, 1956.
- LUKESCH, Anton. "Indianische Persönlichkeit bei dem Gé-Volk der Kayapó". In: Völker Kundliche Abhandlungen, 1:185-198, Mannover, 1964.
- LUKESCH, Anton. "Mythos und der Kayapó". In: Acta Ethnologica et Linguistica, Wien (12): 10-12, 1968.
- LUKESCH, Anton. "Mito e vida dos índios caiapós". Trad. de Trude Arneitz Von Laschau Solstein. São Paulo, Fioneira, Ed. USP, 312 p., 1976.
- MAGALHAES, Antonio Carlos. "Levantamento da situação atual dos índios Parakanã; Reserva indígena Parakanã; Recomendações iniciais frente ao projeto Carajás". Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi, 70 p. 1983.
- MALCHER, José M.G. "Índios, grau de integração na sociedade nacional. Grupo lingüístico, localização." Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Publicação nº 1, Nova Série, Rio de Janeiro, 1964.
- MALCHER, José M. da G. "Indígenas no caminho da Transamazônica". In: Antologia da Cultura Amazônica". V. 6 pp. 142-153. São Paulo, 1970.
- MARTINS, Edilson. "Nossos índios nossos mortos". Editora Codecri, Rio de Janeiro, 1982.
- MATTOS, Rubens Belfort. "Acuidade visual para longe e frequência de discromatopsia em índios brasileiros; descrição de alguns aspectos oftalmológicos nos índios examinados". São Paulo, 1958. 178 p.11. Tese (Docência). Escola Paulista de Medicina.
- METRAUX, Alfred. "Mythes et contes des indiens Cayapó (Groupe Kuben-Kran-Kegn)". In: Revista do Museu Paulista de Medicina, S. Paulo, Nova Série, 6, 1952.
- MOREIRA Neto, Carlos de A. "Relatório sobre a situação atual dos índios Kayapó". In: Revista de Antropologia, 7 (1/2) 49-64, São Paulo, 1959.
- MOREIRA Neto, Carlos de Araújo. "A cultura pastoril do Paud'Arco". In: Bol. do MPEG, Belém Pará, Nova Série, Antropologia, 13, 1961.

MULLER, Regina. "A pintura do corpo e os ornamentos Xavante: arte visual e comunicação social". Campinas, UNICAMP. (Tese de Mestrado), 1976.

MULLER, Regina. "A linguagem colorida dos Xavante". Atual. Indig. FUNAI, Brasília, 16:25-33, 1979a.

MULLER, Regina. "Assurini, intimidade com o sobrenatural". In: Revista de Atualidade Indígena. Brasília, 19, 10 p. 1979b.

MULLER, Regina. "Os últimos Tupi da Amazônia". Revista Geográfica Universal, Rio de Janeiro, Bloch Editores, nº 71, 1980.

MULLER, Regina. "Roteiro da exposição Assurini". Brasília, FUNAI. (mimeog.), 1981.

MULLER, Regina. Aparecida Polo. "O projeto de recuperação dos Assurini do Koatinemo". Bol. Cepam, Brasília, DF, (1):6-7, 1982.

MULLER, Regina. A. Polo. "Assurini do Xingu". Revista de Antropologia, São Paulo, v. 27/29, p. 91, 1984/85.

MULLER, Regina. A. P.; DEKIVOLE, R. & LABAMA Filho, W. "Project of health recuperation for <sup>de LAPOC</sup> ~~feet~~ <sup>LABONIA</sup> "Asurini" indians of Koatinemo (Brazil)". 1<sup>st</sup> relatory. São Paulo, jul. 1986.

MULLER, Regina. "Representações visuais: a arte gráfica dos Asurini". 19 p., (no prelo).

NICHOLSON, Velda C. "Initiating and non-initiating verbs in Asurini". Summer Institute of Linguistics (Arquivo Lingüístico, 012), Brasília, 1975a.

NICHOLSON, Velda C. "Transformações morfo-fonêmicas em Asurini". Summer Institute of Linguistics (Arquivo Lingüístico, 011). Brasília, Distrito Federal, 1975b.

NICHOLSON, Velda C. "32 textos em Asurini". Summer Institute of Linguistics. (Arquivo Lingüístico, 018), Brasília, 1976a.

NICHOLSON, Velda. "6 textos na língua Asurini". Summer Institute of Linguistics. (Arquivo Lingüístico, 016), Brasília, 1976b.

NICHOLSON, Velda C. "Asurini do Maiús: dicionário Asurini em tópicos". Summer Institute of Linguistics, (Arq. Ling., 017), Brasília, 1976c.

NICHOLSON, Velda C. "Asurini possessive pronouns". Summer Inst. of Linguistics, (Arquivo Lingüístico, 014), Brasília, 1976d.

NICHOLSON, Velda C. "Textos Asurini; 25 histórias, 7 mitos". Summer Institute of Linguistics. (Arquivo Lingüístico, 015). Brasília, Distrito Federal, 1976e.



- NICHOLSON, Velda C. "Ordem frasal de cláusulas na língua Asurini". Summer Institute of Linguistics. (Arq. Ling., 013), Brasília, 1977.
- NICHOLSON, Velda C. "Aspectos da língua Asurini". Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1978.
- NIMUENDAJU, Curt. "Bruchstücke aus religion und Überlieferung der Sipaia - Indianer". Sep: Antrops, Wien, 14/15:1002-39 1919-20. Sep: Antrops, Wien, 16/17:367-406, 1921-22.
- NIMUENDAJU, Curt. "Little - known tribes of the lower Tocantins river region; Little - known tribes of the lower Amazon; tribes of the lower and middle Xingu river". Sep. Handbook of South American Indians. Bulletin Bureau America Ethnology. Washington, DC, 143 (3):203-243, 1948.
- NIMUENDAJU, Curt. "Os Gorotiri". In: Revista do Museu Paulista, n.s. 6:427-459, São Paulo, 1952.
- NUTELS, N.; AYRES, M. & SALZANO, F.M. "Tuberculin reactions, x-ray and bacteriological studies in the Cayapó Indians of Brazil. Sep. Tubercle. 48 (3):195-7, Sep., 1967.
- OLIVEIRA, Adélia E. de. "Os índios Juruna e sua cultura nos dias atuais". In: Boletim do MPEG, Nova Série Antropologia, nº 35, Belém, 1968.
- OLIVEIRA, Adélia E. de. "A cerâmica dos índios Juruna (rio Xingu)". Boletim MPEG, Nova Série - Antropologia, nº 41, 19 p., Belém, 1969.
- OLIVEIRA, Adélia E. de. "Os índios Juruna do Alto Xingu". In: Dedalo, Museu De Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 6:11-12, 1970a.
- OLIVEIRA, Adélia E. de. "Parentescos Juruna". In: Boletim do MPEG, Nova Série Antropologia, 45, Belém, 1970b.
- OLIVEIRA, Avelino Ignácio de. "Reconhecimento geológico do rio Xingu". Estado do Pará, Boletim do Serviço Geológico e Mineralogia, Rio de Janeiro, 29:3-22, 1928.
- PAYAKA, Paulinho. "A Tranzamazônica, redigido e ilustrado por Paulinho Payaka em língua Kayapó". FUNAI, Rio de Janeiro, RJ, 1974.
- PEREIRA, Nunes. "Panorama da alimentação indígena: comidas, bebidas & tóxicos na Amazônia brasileira". Ed. Livraria São José, Rio de Janeiro, 412 p., set/1984.
- PETROLHO, V.M. "Primitive people of Mato Grosso, Brasil". In: The Museum Journal, Philadelphia, 23 (2):84-103, 1932.
- PIRES, Maria Ligia. "Um modelo de classificação Xinquaua". In: Bol. de Psicologia e Antropologia, Curitiba, 4:1-17, 1976.

- POSEY, Darrell A. "Ethnocutomology of the Gorotire Kayapó of Central Brazil". Tese (Doctor of Philosophy) University of Georgia, Athens, Georgia, 177 p., 1979a.
- POSEY, Darrell A. "Kayapó controla inseto como adequado adequado ao ambiente". *Atualidade Indígena*, 3(14):47-58, 1979b.
- POSEY, Darrell A. "Kayapó mostra aldeia de origem". In: *Revista de Atualidade Indígena*. BSB 15, 50 p. 1979c.
- POSEY, Darrell A. "Ethnoentomology of the Kayapó indians of Central Brazil". *Journal of Ethnobiology*, 1(1):165-174, 1982a.
- POSEY, Darrell A. "Indigenous knowledge and development: an ideological bridge to the future". *Ciência e Cultura* 35 (7) pp. 877-894, 1982b.
- POSEY, Darrell A. "O conhecimento entomológico Kayapó: etnometodologia e sistema cultural". *Anuário Antropológico*. Brasília, Universidade de Brasília, 1982c.
- POSEY, Darrell A. "Time, space and the interface of divergent cultures: The Kayapó indians of Brazil face the future". *Sep: Rev. Anthropol.*, S. L., 25:89-104. 1982d.
- POSEY, Darrell A. "Conhecimento indígena sobre ecologia: um novo caminho para o futuro?". *Ciência e Cultura*, vol. 35, nº 7, julho de 1983a.
- POSEY, Darrell A. "Ethnoentomology as an emic guide to cultural systems; the case of the insects and the Kayapó indians of Amazônia". *Rev. Bras. de Zoologia*, 1(3):135-144, 1983b.
- POSEY, Darrell A. "Folk apiculture of the Kayapó indians of Brazil". *Sep: Biotropica*, Washington, 15 (2):154-58. 1983c.
- POSEY, Darrell A. "Keeping of stinglers bees by the Kayapó indians of Brazil". *Journal of Ethnobiology*, 3(1):63-73. 1983d.
- POSEY, Darrell A. "O conhecimento entomológico Kayapó: etnometodologia e sistema cultural". *Anuário Antropológico*, 81:109-124, 1983e.
- POSEY, D.A. "Resource exploitation in Amazonia: ethnoecological examples from four populations". *Annals of Carnegie Museum*. Pittsburg, PA. 58 (8) pp. 163-203, 1983f.
- POSEY, D.A. "A preliminary report on diversified management of tropical forest by the Kayapó indians of the Brazilian Amazon". *Botanical Garden*, 1, pp. 112-126, 1984a.
- POSEY, Darrell A. "Hierarchy and utility in a folk biological taxonomic system". *Patterns in classification of arthropods by the Kayapó indians of Brazil*. *Journal Ethnobiology* 4 (2) pp. 123-139, 1984b.

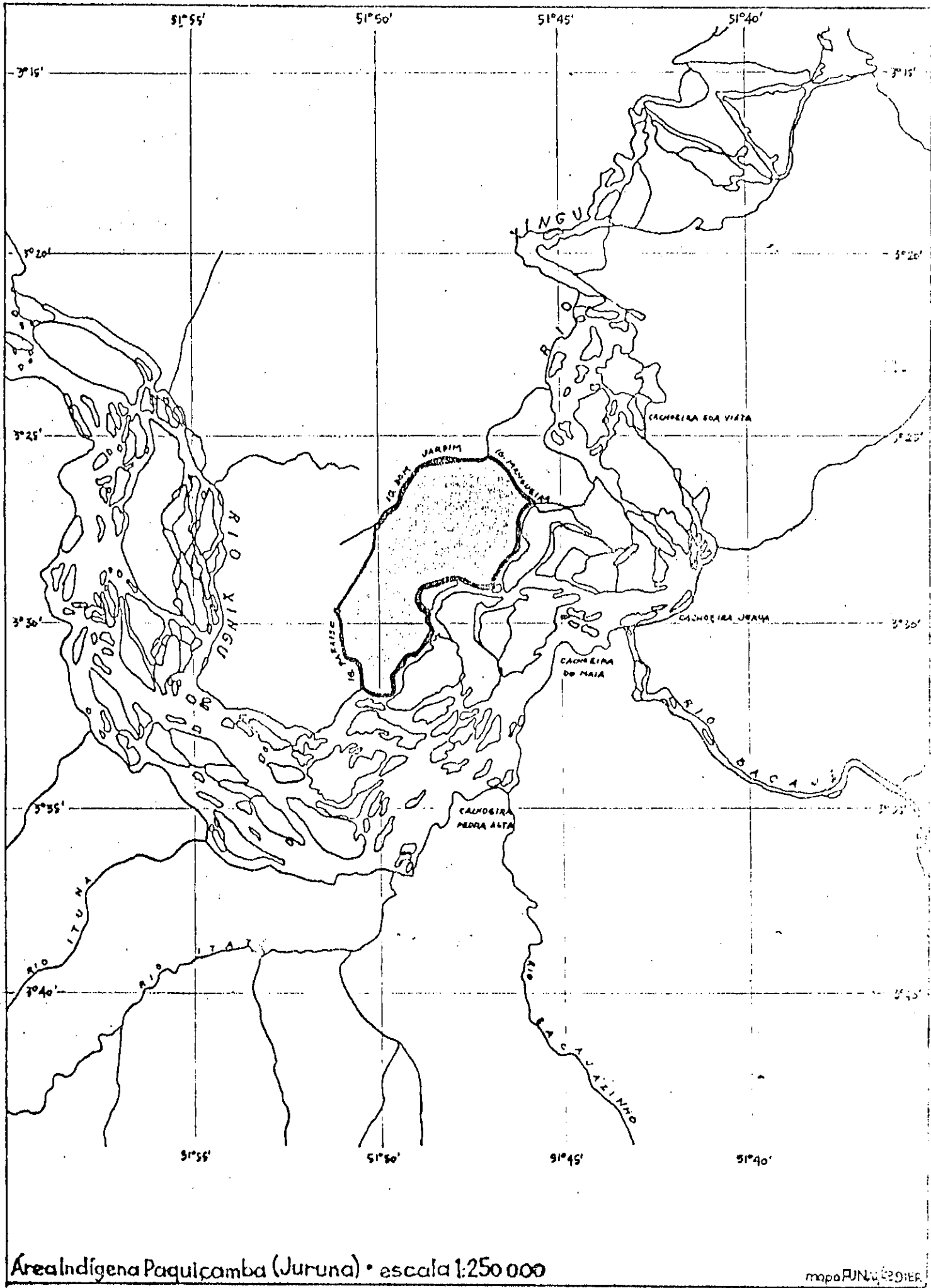
- POSEY, Darrell A. "Patterns of superordinate groupings in the entomological classification systems of the Kayapó indians of Brazil". *Rev. Bras. de Zoologia*, no prelo, 1984c.
- POSEY, Darrell A. & HECHT, Susana. "Soils management and agriculture by the Kayapó indians of Brazil". *Journal of Ethnobiology*, no prelo, 1984d.
- POSEY, Darrell A. "Native and indigenous guidelines for new Amazonian development strategie understanding biological diversity trough ethnoecology". Manchester University (J. Humning ed.), pp. 157-181, 1985.
- POSEY, Darrel A. "Etnobiologia, teoria e prática". *Suma Etnológica Brasileira*, vol. 1, ed Vozes, Petrópolis, pp. 15-25, 1986.
- POSEY, D.A. & SANTOS, Pedro Braga dos. "Concepts of health, illness to medicinal plants and the appearance of the messianic king on the island of Lençóis, Maranhão, Brazil". pp. 2-30, São Luís - MA. nd.
- RAMALHO, J. Pereira. "Pesquisas antropológicas nos índios do Brasil; a cefalometria nos índios Kayapó e Karajá". Tese (Cátedra) - Faculas Federais Isoladas. Rio de Janeiro. EFI, 106 p., 1971.
- RAMALHO, J. Pereira & PAPAIS, R. Maria. "Pesquisas antropométricas em brasilíndios; os diâmetros bizogomático e bi-goníaco nos Kayapo; Coeficiente de correlação". *Sep: Arq. Ilust. Benjamin Baptista*, Rio de Janeiro. 15 (15):447-51, 1972.
- REICHEL-DOLMATOFF, G. "A oleira e a acutã: o papel social da mulher na sociedade Asurini". *Revista de Antropologia*, vol. 25:25-62, São Paulo, USP, 1982.
- RIBEIRO, Berta. "Diário do Xingu". *Paz e Terra*, (Coleção Estudos Brasileiros, 42), Rio de Janeiro, 1979.
- RIBEIRO, Berta. "Histórico do contato do povo Araweté Porantim". nº 34, tomo IV, 1981.
- RIBEIRO, Berta. "Tecelãs Tupi do Xingu". 1982.
- RIBEIRO, Berta. "Araweté: o índio vestido". 1983.
- RIBEIRO, Berta G. "O índio na cultura brasileira". UNIBRADE - Centro de Cultura. *Pequena Enciclopédia da Cultura Brasileira*, 3. Rio de Janeiro, 186 p., 1987.
- RIBEIRO, Darcy. "Os índios e a civilização". Vozes, Rio de Janeiro, 1977.
- RIBEIRO, Darcy (Editor) et alii. "Suma etnológica brasileira. Edição atualizada do *Handbook of South American Indians*". Ed. Vozes, FINEP, Petrópolis, RJ, vol. 1 (Etnobiologia), 302 p., 1986a.

- RIBEIRO, Darcy (Editor) et alii. "Suma etnológica brasileira. Edição atualizada do *Handbook of South American Indians*". Ed. Vozes, FINEP, Petrópolis, RJ, vol. 3 (Arte India), 300 p., 1986b.
- RICARDO, Carlos Alberto, Ed. "Fovos indígenas no Brasil". CEDI, São Paulo, 1983.
- ROCHA, Fernando José da. "Antropometria em indígenas brasileiros". Tese (Doutorado) - UFRS, Porto Alegre, 110 p., 1970.
- ROCHA, Fernando J. da; SPIELMAN, Richard S. & NELL, J. "A comparison of gene frequency and antropometric distance matrices in seven villagens of four indians tribes". Sep. Human Biology, Michigan 46 (2):295-310, may, 1974.
- SALA, Antonio Maria. "Ensaio de gramática Kayapó". In: Revista do Museu Paulista, São Paulo, 12, 1920.
- SALZANO, F.M.; STEINBERG, A.G. & TEPFENHART, Mary A. "Gm and inv. allotypes of brazilian Kayapó indians". Sep. The American Journal of Human Genetics, 25(2):167-77, Chicago, mar, 1976.
- SANTOS, Silvio Coelho dos & MULLER, Silvio A. "As barragens e os grupos indígenas; o caso Xokleng". Bol. Ciência Soc., Florianópolis, (25):16-32, out/dez, 1981.
- SCHMIDT, Max. "Los Kayapó de Mato Grosso". In: Revista do Museu Paulista, 1:59-60, São Paulo, 1947.
- SCHOEFF, D. "Essai sur la plumasserie des indiens Kayapó, Wayana et Urubu, Brésil". B. Ann. Mus. Ethnog. Genève, (14): 1971.
- SCHWIDT, Max. "Los Kayapó de Mato Grosso". In: Revista do Museu Paulista, São Paulo, 1:59-60, 1947.
- SICK, Helmut. "Tukani. Unter tieren und indiamern Zentralbrasiliens bei der orsten Durchque rung von so macl N.W.". Hamburg and Berlin, Paul Parey, 1958, 241 p.
- SILVA, Arlindo. "Homens brancos na aldeia dos Caiapós. Fotos de José Medeiros". O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 24 (34) 12-22, 26, 112, il., 1952. Microfilme (negativo) 35 mm, IBDD.
- SILVA, Orlando Sampaio. "Casamento e residência entre os índios Parakanan do igarapé Lontra". s. n. t.
- SNETHLAGE, Emilia. "A travessia entre o Xingu e o Tapajós". Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia. Referências ao Rio Iriri, Curuá e Jamanxim. 7:49-92, Belém, 1913.
- SNETHLAGE, Emilie. "Die indianerstawme am mittle reu Xingu. Im besonderen die Chipaya und Curuaya". Sep: Zeitschrift für Ethnologie, Berlin, 21 (4-5):395-427, 1920.

- STEINEN, Karl Von Den. "Durch Central - Brasilien. Expedition zur erforschung des shingu Von Karl Von Den Steiner, mit uber 100 text- und sparatbildern Von Wilhelm Von den Steinen, 12 sparatbildern Von Johannes Gehrts, einer epecilkerte des Schingustrens Von Dr. Otto Clauss, einer ubersichtskarte". Leipzig, F.A. Breckhaus, 372 p., 1886.
- STEINEN, Karl Von Den. "Entre os aborigenes do Brasil Central". In: Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, 56:127-170, 1939.
- STEINEN, Karl Von Den. "O Brasil Central. Expedições em 1884 para a exploração do Rio Xingu". Trad. de Catarina Barata Cannabrava e outros. Companhia Editora Nacional, 1942.
- STOUT, Mickey. "Ku verb phenomena in Kayapó". Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1975. 10p. (Arquivo Lingüístico, 125).
- STOUT, Mickey. "Fonêmica Txukuhãñi (Kayapó) por Mickey Stout e Ruter Thomson". In: Bridgeman, Loraine Irene. Série Lingüística nº 3. Brasília, Instituto Lingüístico de Verão, pp. 153-176, 1978a.
- STOUT, Mickey. "Modalidade em Kayapó, por Mickey Stout e Ruter Thomson". In: Bridgeman, Loraine Irene. Série Lingüística nº 3, Inst. Lingüístico de Verão, pp. 69-98, Brasília, 1978b.
- SUESS, Paulo. "A defesa dos povos indígenas". Loyola, São Paulo, 1980.
- TELLES, G. Medina. "Arara, the capital of the Ticura indians of the Colombian Amazon". New York. Exposition Press., p. 22, 1979.
- THONSON, Ruter. "Elementos proposicionais em orações Kayapó por Ruter Thomson e Mickey Stout". In: Bridgeman, Loraine Irene. Série Lingüística nº 3, Brasília, DF, Inst. Ling. de Verão, pp. 35-67, 1978.
- THONSON, Ruth. "Contrafactuals in Kayapó". Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1974. 27 p. (Arquivo Lingüístico, 059).
- THONSON, Ruth. "5 textos Kayapó". Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1976. 10 p. (Arquivo Lingüístico, 060).
- TURNER, Joan Bamberger. "Environment and cultural classification: a study of the Northern Kayapó". Cambridge, Harvard University, c. 219 p. Tese (Doutoramento) Harvard Univ. Cambridge, Massachusetts, 1967.
- VERSWIJVER, G. "Os Kayapós - Separações e junções". Rev. de Atualidade Indígena, Ano II, nº 12, 1978.
- VIDAL, Lux. "Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira: os Kayapó-Xicrin do rio Cateté". São Paulo, Hucitec/EDUSP, 268 p. il., 1977.

- VIDAL, Lux. "Contribution to the concept of person and self in lowland South American societies; body painting among the Kayapó-Xicrin". In: Contribuições à Antropologia, em homenagem ao prof. Egon Schaden. Coleção Mus. Paulista, ser. Ensaios, São Paulo, 4, 1981.
- VIDAL, Lux & MULLER, Regina A. Polo. "Pintura corporal e adornos corporais". Suma Etnológica Brasileira, vol. 3, ed. Vozes, Petrópolis, p. 119, 1986.
- VIEIRA Filho, João Paulo Botelho. "Os dermatóglifos palmares situando os índios brasileiros Xicrin no contexto mundial". Tese de Doutorado apresentada à Escola Paulista de Medicina. São Paulo. s.e., 75 p., 1969.
- VIEIRA Filho, João Paulo Botelho. "Considerações a respeito da inexistência de bócio entre os indígenas brasileiros Xicrin". Sep. Revista da Associação Médica Brasileira, Rio de Janeiro, 18 (9): 345-348, 1972a.
- VIEIRA Filho, João Paulo Botelho. "Novas contribuições aos estudos palmares dos Xicrins". Sep: Rev. da Associação Médica Brasileira, Rio de Janeiro, 18 (7): 255-58, 1972b.
- VIEIRA Filho, João P.B. Vieira. "Médico constata ausência de bócio entre os Xicrin". In: Revista de Atualidade Indígena, nº 15, 1979.
- VIEIRA Filho, João Paulo Botelho et al. "Dosagem da testosterona, do sulfato de deidroepiandrosterona, da triiodotironina e da tiroxina pelo radioimunoensaio, da retenção da triiodotironina entre os silvícolas Parakanãs". Sep: Rev. Ass. Med. 26 (6):205-8, jun/1980.
- VIERTLER, Renate B. "O Alto Xingu e suas possibilidades de exploração antropológica". In: Rev.de Antropologia, 1ª parte, 17-20:69-74, São Paulo, 1966-72.
- VILLAS-BOAS, Orlando & VILLAS-BOAS, Claudio. "Xingu; os índios, seus mitos". Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1970. 206 p.
- VILLAS-BOAS, Orlando & VILLAS-BOAS, Claudio. "Diário da selva II - Viagem pioneira pelo Maritsauá". In: Revista de Atualidade Indígena. Brasília 19, 17 p. 1979.
- VILLAS-BOAS, Orlando & VILLAS-BOAS, Claudio. "Xingu: o velho Kaia (conta a história do seu povo)". Kuarup, Porto Alegre, 200 p., 1984.
- WUSTMANN, Erich. "Xingu. Paradies ohne Frieden". Leipzig. Neumann Verlag, 234 p. 1959.
- ZARUR, George de C.L. "Parentesco, ritual e economia no Alto Xingu". FUNAI, Brasília, 1975.



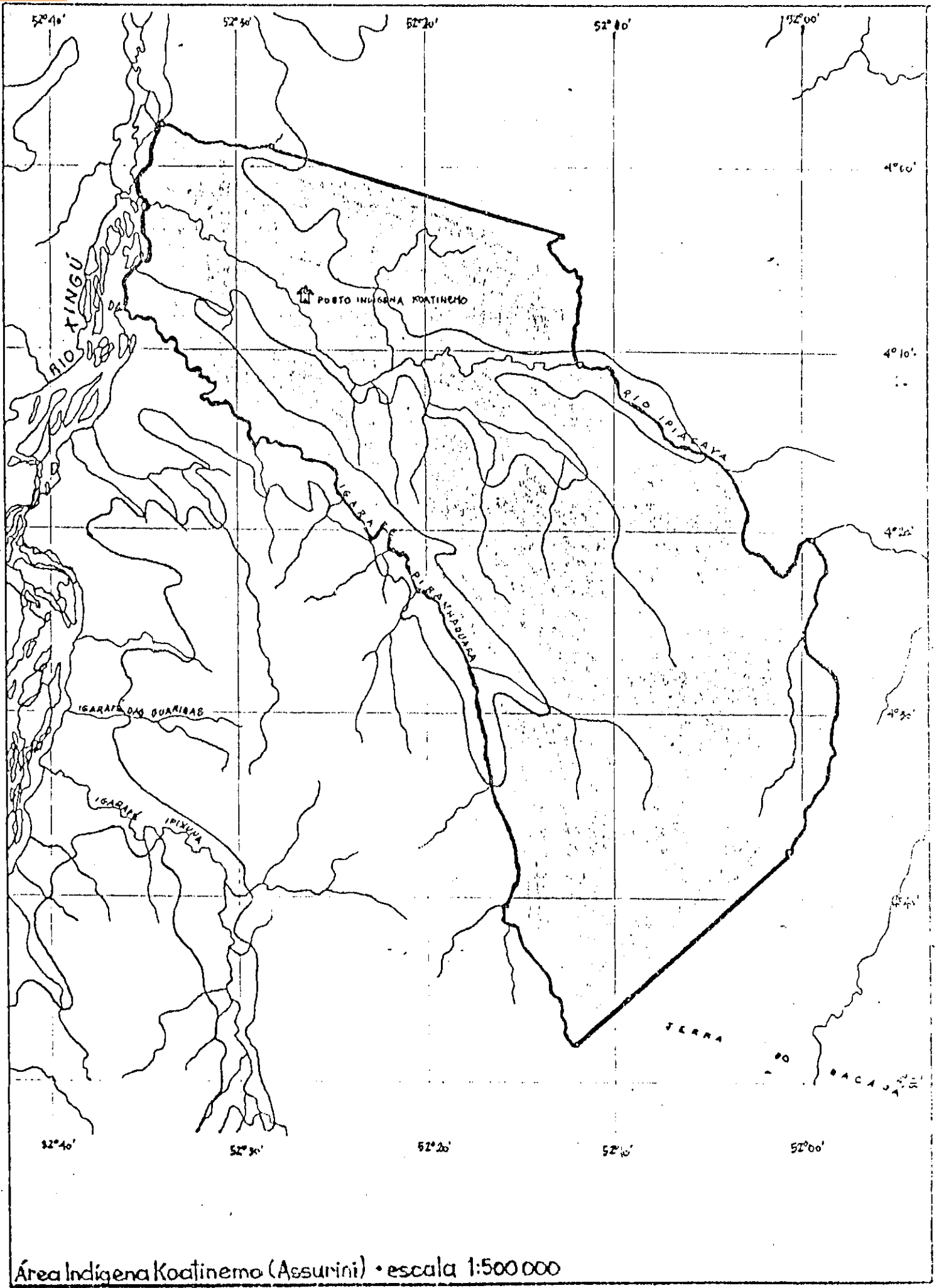


Área Indígena Paquicamba (Juruna) • escala 1:250 000

mapa FUNAI 8291ER



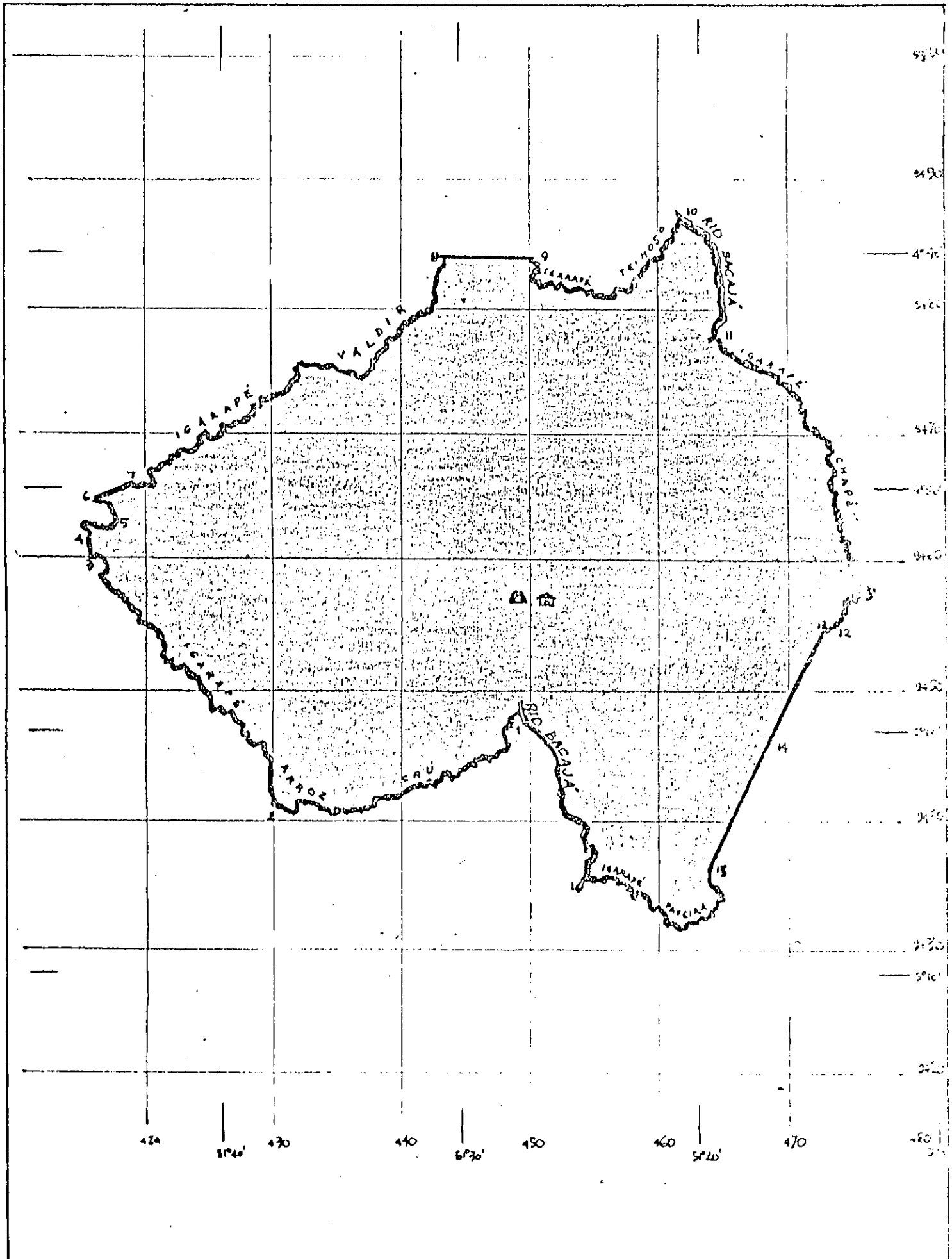




Área Indígena Kootinemo (Assurini) • escala 1:500 000

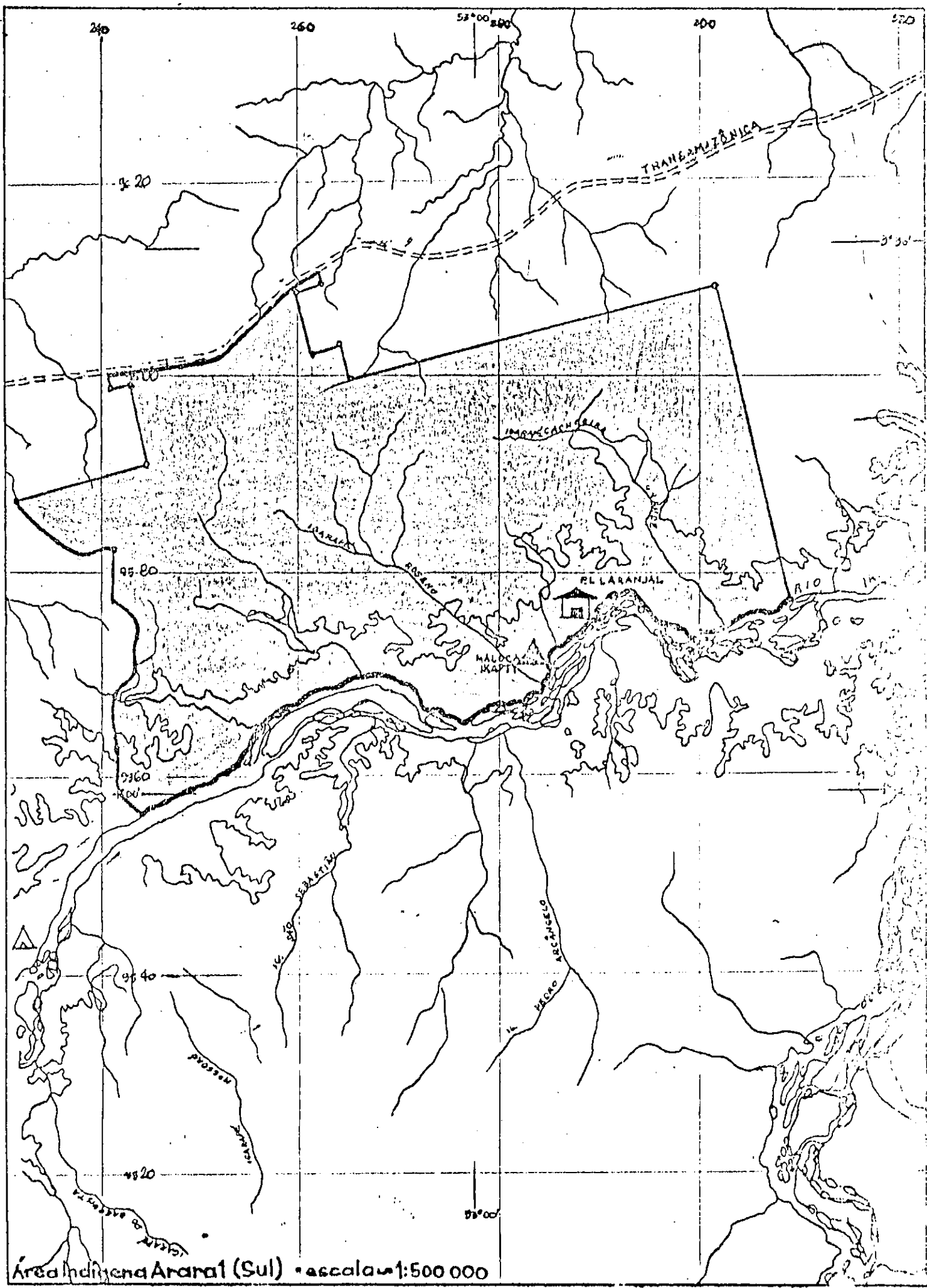
escala 1:500 000



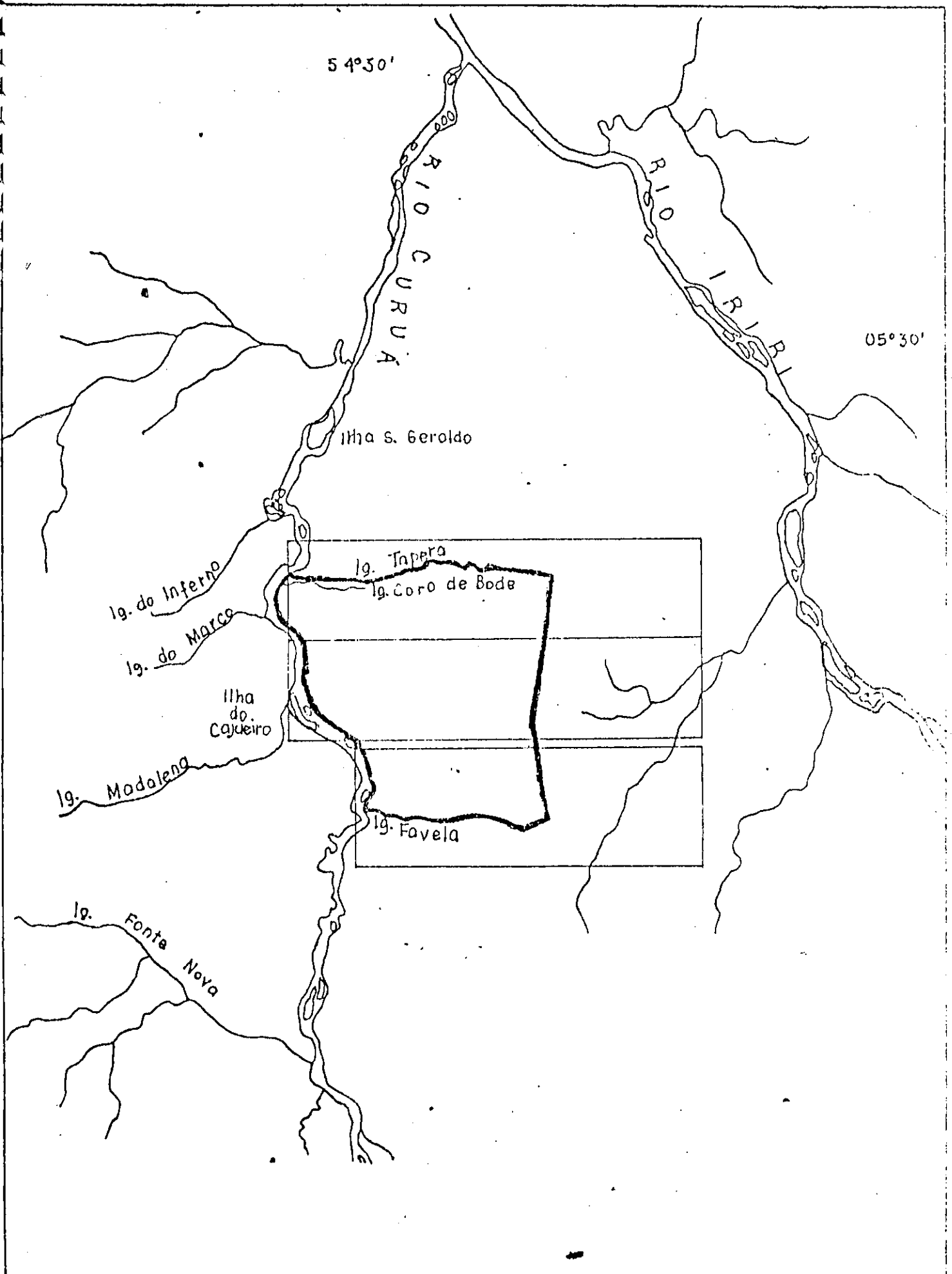


Reserva Indígena Bacajá (Xikrin) • escala 1:400 000





Área Indígena Ararat (Sul) - escala 1:500 000



Área Indígena Curuá (Xipáia) • escala 1:250000